



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CÂMPUS DE TOCANTINÓPOLIS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**RAFAELA COUTINHO DE SOUSA**

**BARCOS E BARQUEIROS:**  
PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E IDENTIDADE NA CIDADE DE TOCANTINÓPOLIS NO  
NORTE DO TOCANTINS

TOCANTINÓPOLIS/TO  
2022

**RAFAELA COUTINHO DE SOUSA**

**BARCOS E BARQUEIROS:  
PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E IDENTIDADE NA CIDADE DE TOCANTINÓPOLIS NO  
NORTE DO TOCANTINS**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis, Curso de Ciências Sociais para obtenção do título de licenciada em Ciências Sociais e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Rita de Cássia Domingues Lopes

Tocantinópolis/TO  
2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

S725b Sousa, Rafaela Coutinho de.

Barcos e Barqueiros: Patrimônio, memória e identidade na cidade de Tocantinópolis no Norte do Tocantins . / Rafaela Coutinho de Sousa. – Tocantinópolis, TO, 2022.

80 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Tocantinópolis - Curso de Ciências Sociais, 2022.

Orientadora : Rita de Cássia Domingues Lopes

1. Barqueiros . 2. Tocantinópolis- TO. 3. Patrimônio. 4. Memória. I. Título

**CDD 300**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

RAFAELA COUTINHO DE SOUSA

**BARCOS E BARQUEIROS:**  
PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E IDENTIDADE NA CIDADE DE TOCANTINÓPOLIS NO  
NORTE DO TOCANTINS

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT –  
Universidade Federal do Tocantins – Campus  
Universitário de Tocantinópolis, Curso de Ciências  
Sociais para obtenção do título de Cientista Social e  
aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela  
Banca Examinadora.

Data de aprovação: 02/12/2022

Banca Examinadora

---

Profa. Dra. Rita de Cássia Domingues Lopes (Orientadora UFT)

---

Profa. Dra. Chirley Rodrigues Mendes (Examinadora UFT)

---

Dra. Gracieda dos Santos Araújo (Examinadora UFT)

---

Profa. Dra. Mariane da Silva Pisani (Examinadora UFPI)

Tocantinópolis/TO  
2022

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 204).

Dedico este trabalho a todos os que me ajudaram ao longo desta caminhada. Em especial aos meus amados pais, Marinalva e Francisco; aos meus preciosos irmãos, Rony, Romulo, Ramon, Mikaela, Renan e Renata; e a minha querida Tia Lúcia (in memoriam).

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu Deus que permitiu a finalização de mais uma etapa na minha vida, foi uma trajetória rica de detalhes, e somente Ele esteve presente em alguns momentos de anseios e lágrimas, cuidou de cada detalhe, amém pelo final desse ciclo. “Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu” (Eclesiastes 3.1).

Aos meus pais, Francisco Sousa e Marinalva Coutinho, por todo apoio emocional para que eu não desistisse. As minhas queridas irmãs Renata e Mikaela, por todo carinho e os meus irmãos Renan, Ramon, Romulo e Rony pelo apoio, só foi possível chegar este momento pelos cuidados e tudo o que fizeram por mim na medida do possível, desde a logística para chegar ao campus a cada palavra de incentivo. Vocês são a razão da minha vida.

À minha prezada orientadora Dr<sup>a</sup>. Rita de Cássia Domingues Lopes, por todo incentivo, apoio e orientação. Desde o início da pesquisa estive disponível para correções, agradeço por me encontrar todas as vezes que me senti perdida e incapaz de escrever.

Agradeço carinhosamente, minha dupla acadêmica Letícia Pereira, por toda partilha, em destaque nesta pesquisa, assim agradeço ao grupo “craudinhas” formado por ela, Maisa Dias, Suellem de Jesus, Fernanda Pereira, Nair Trajano, Eva Dagna e Thaissa Amanda. Aprendi que sobrevivemos ao âmbito acadêmico porque encontramos pessoas que nos apoiam e cuidam, dentro e fora da Universidade. A frase do professor Dr.<sup>o</sup> João Batista no início do curso se concretiza com a nossa amizade “ninguém faz universidade sozinho”. Sobretudo, estendo os meus agradecimentos aos colegas do Curso de Ciências Sociais, por compartilhar trocas de conhecimentos e cultura, aqueles que por motivo maior mudaram o percurso, minhas lembranças.

Aos docentes que passaram pelo Curso e contribuíram para minha formação e permanência na área, meus agradecimentos especiais.

Agradeço a Aldemisse, Ana Paula e toda equipe da empresa Embale Tudo, por caminhar comigo durante esse período, permitindo a flexibilização de conciliar a Universidade e o trabalho. Obrigada!

Aos interlocutores da pesquisa, os barqueiros e a participação deles no trajeto feito por mim de Porto Franco-MA para Tocantinópolis-TO pelo Rio Tocantins durante esse período e a todos que contribuíram para o desenvolvimento da escrita deste trabalho, a quem olhou cuidadosamente para a temática e indicou algo para acrescentar ou observar.

Aos meus amigos e amigas pela compreensão da minha falta em alguns momentos especiais devido a dedicação aos estudos e os “nãos” necessários para que eu finalizasse essa etapa e compartilhassem da minha felicidade e trajetória. Gostaria de citá-los, mas posso falhar em algum nome, os participativos vão se sentir incluídos.

Aos meus parentes que participaram desde o início desse processo de formação e torceram para que esse momento chegasse, chego nele com a ausência da minha querida tia Lúcia na qual me incentivou muito, e a quem eu cito na minha dedicatória, uma das vítimas das milhões de vidas perdidas para COVID-19. A vida nos molda de maneira difícil e momentos como uma grande perda paralisei minha escrita, me reinventei e entendi que temos pouco tempo de vida, VIVER é a única maneira de ser feliz!

Ao corpo de irmãs e irmãos da Assembleia de Deus congregação Filadélfia por todas orações e incentivo, e a participação em etapas importantes na minha vida, a paz do Senhor possa estar sobre a vida de todos e todas, é agradável conviver com vocês.

Externo meus agradecimentos a todos que fazem a Universidade pública brasileira, desde aos funcionários dos serviços gerais aos diretores administrativos, especificamente a UFT/UFNT por garantir, o ensino, a extensão e a pesquisa na região, ao Flávio da xerox por tamanha tranquilidade em meios a tantos textos xerocados.

Todos e todas que contribuíram direta e indiretamente na minha trajetória os meus agradecimentos, aos encontros e desencontros, minha alegria e empatia. Diante de muitas palavras negativas, forças contrárias e para alguns uma trajetória “dramática” eu fui a resistência e resiliência, mesmo em muitos cenários complicados fui à saída e encontro próprio.

Finalizo uma graduação em Licenciatura em Ciências Sociais no contexto nortista, sendo nordestina, a diversidade e possibilidade em possuir uma formação superior tem muita importância, os meus pais não tiveram essa oportunidade. Gratidão pela trajetória, aprendizagem e por novas possibilidades que virão por meio dessa formação.



## RESUMO

Este trabalho, é resultado de uma abordagem antropológica sobre os barqueiros da cidade de Tocantinópolis-TO, uma contribuição na área de patrimônio na região Tocantina. O problema da pesquisa foi: De que forma os saberes e fazeres dos barqueiros podem ser pensados como patrimônios na cidade de Tocantinópolis?. O objetivo geral foi compreender os saberes e fazeres dos barqueiros como patrimônios em Tocantinópolis. Os objetivos específicos foram: Identificar os saberes e fazeres pela oralidade/história de vida dos barqueiros; Relatar a relação dos barqueiros com sua profissão e o seu objeto de trabalho; Discorrer o modo de fazer os barcos e suas nomenclaturas; Descrever as características das práticas culturais, numa ótica da tradição religiosa. Patrimônio, memória, identidade e oralidade são conceitos trabalhados no desenvolvimento da escrita. A metodologia usada foi a etnográfica, uma descrição detalhada do campo a qual proporcionou apresentar as entrevistas orais e as fotografias, com embasamento teórico das Ciências Sociais. A preservação do patrimônio imaterial e material é importante para a documentação da história da cidade na perspectiva dos barqueiros. Os resultados obtidos com a realização da pesquisa demonstram que os patrimônios material e imaterial são base para a compreensão da prática do trabalho dos barqueiros e, conseqüentemente, para o processo de trocas de saberes e suas representações do saber-fazer, tornando a identidade deste grupo perceptível. Portanto, quando falamos dos barqueiros, seus saberes e fazeres, percebemos como um grupo de pessoas com a mesma profissão que é responsável por parte da construção da identidade cultural e histórica do local. O primeiro capítulo é a introdução com a apresentação do problema de pesquisa, objetivos e metodologia. No segundo capítulo com título Patrimônios: os saberes e fazeres dos barqueiros trata-se da identificação dos saberes e fazeres pela oralidade/história de vida dos barqueiros. O terceiro capítulo, intitulado Práticas Culturais no Bico do Papagaio – Tocantins descreveremos trata das práticas culturais partindo de uma perspectiva da tradição religiosa.

**Palavras-chave:** Barqueiros. Patrimônio. Memória. Identidade. Tocantinópolis-TO.

## ABSTRACT

This work is the result of an anthropological approach on the boatmen of the city of Tocantinópolis-TO, a contribution in the area of heritage in the Tocantina region. The research problem was: How can the knowledge and practices of boatmen be thought of as heritage in the city of Tocantinópolis? The general objective was to understand the knowledge and practices of boatmen as assets in Tocantinópolis. The specific objectives were: To identify the knowledge and practices through orality/life history of the boatmen; Report the boatmen's relationship with their profession and their object of work; Discuss how to make boats and their nomenclatures; Describe the characteristics of cultural practices, from the perspective of religious tradition. Heritage, memory, identity and orality are concepts worked on in the development of writing. The methodology used was ethnographic, a detailed description of the field in which it provided oral interviews and photographs to be presented, with a theoretical basis from the Social Sciences, the preservation of intangible and material heritage is important for documenting the city's history from the perspective of the boatmen. The results obtained from carrying out the research demonstrate that material and immaterial heritage are the basis for understanding the work practice of boatmen and, consequently, the process of exchanging knowledge and its representations with know-how, making the identity of this group perceptible. Therefore, when we talk about boatmen, their knowledge and practices, we see how a group of people with the same profession are responsible for part of the construction of the cultural and historical identity of the place. In the first chapter, we have the introduction with the presentation of the research problem, objectives and methodology. For the third chapter, entitled Cultural Practices in Bico do Papagaio – Tocantins, we will describe cultural practices through religious tradition,

Keywords: Boatmen. Patrimony. Memory. Identity. Tocantinópolis-TO.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Mestrin e família recebendo as acadêmicas Rafaela e Leticia	20
Figura 2. Sr. Demétrio	21
Figura 3. Igreja Nossa Senhora da Consolação	26
Figura 4. Seminário São João XXIII	26
Figura 5. Mapa do Bico do Papagaio	31
Figura 6. BR-010	33
Figura 7. Cidades de Porto Franco e Tocantinópolis são separadas pelo Rio Tocantins	35
Figura 8. Chegada no Cais e Orla de Tocantinópolis	35
Figura 9. José Henrique, barqueiro	37
Figura 10. Bruno, barqueiro	38
Figura 11. Pinhé, barqueiro	39
Figura 12. Olavo, barqueiro	40
Figura 13. Barcos esperando a lotação	41
Figura 14. Mazim, barqueiro	42
Figura 15. Edizio, barqueiro	42
Figura 16. Dirceu, barqueiro	43
Figura 17. Seu Raimundo “Mestrin”, sua filha e Neto	46
Figura 18. Seu Raimundo e Dona Tereza	47
Figura 19. Sancley, barqueiro	54
Figura 20. Nascer do Sol na Orla	58
Figura 21. A caminho do Cais	58
Figura 22. Chegada na Cais	59
Figura 23. Autoridades religiosas	59
Figura 24. Saída dos barcos	60
Figura 25. Chegada na praia da Santa	60

Figura 26. Momento de reflexão	61
Figura 27. Purificação	61
Figura 28. Devoção	62
Figura 29. Café da Manhã	62
Figura 30. Barqueiros em grupo	63
Figura 31. Barcos em fileira	64
Figura 32. Volta da Santa para a Igreja	64
Figura 33. Criança com itens devocionais	65
Figura 34. Chegada à Igreja	66
Figura 35. Despedida da Santa	67
Figura 36. Cheia de 2022	68
Figura 37. Veraneio	69
Figura 38. Praia da Santa na cheia	70
Figura 39. Praia da Santa na estiagem	70
Figura 40. Fé	76
Figura 41. Fé	76
Figura 42. Memória	77
Figura 43. Memória	77
Figura 44. Pôr do Sol, travessia	77

## LISTA DE SIGLAS

COVID-19	Coronavírus
GP CEP	Grupo de Pesquisa Cultura, Educação e Política
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
INRC	Inventário Nacional de Referências Culturais
OMS	Organização Mundial da Saúde
PIVIC	Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica
SAMU	Serviço de Atendimento Móvel de Urgência
TCC	Trabalho de Conclusão do Curso
UFNT	Universidade Federal do Norte do Tocantins
UFT	Universidade Federal do Tocantins

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>2 PATRIMÔNIOS: OS SABERES E FAZERES DOS BARQUEIROS</b>	<b>23</b>
2.1 Patrimônio Material e Imaterial	23
2.2 IPHAN – Preservação	27
2.3 Delineando o Rio Tocantins e Tocantinópolis-TO	29
2.4 Saberes e Fazeres	36
2.5 Nomenclaturas	54
<b>3 PRÁTICAS CULTURAIS NO BICO DO PAPAGAIO – TOCANTINS</b>	<b>56</b>
3.1 Procissão da Nossa Senhora da Consolação	56
3.2 Águas do Rio Tocantins	67
3.3 Reconhecimento cultural	70
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>72</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>78</b>

## 1 INTRODUÇÃO

É que o processo, às vezes, é tão demorado, mas de uma coisa você não pode esquecer que cada segundinho é aprendido.  
(AGUIAR, 2021, p. 5)

O presente trabalho apresenta uma abordagem antropológica, sobre barcos e barqueiros, patrimônio, memória e identidade na cidade de Tocantinópolis no Norte do Tocantins. Dentro deste contexto, o trabalho é uma contribuição à área de patrimônio, limitando-se a estudar as práticas culturais e a construção identitária local, através dos fazeres e saberes apresentados na perspectiva dos nossos interlocutores, os barqueiros, bem como por meio de sua relação com o instrumento de trabalho, o barco. Para alcançarmos este objetivo partimos numa busca histórica e cultural sobre a profissão dos barqueiros em Tocantinópolis-Tocantins.

Este Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), é fruto de dois projetos científicos, iniciou-se a primeira pesquisa pelo Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC) da Universidade Federal do Tocantins (UFT) com o tema: “ Barcos e Barqueiros: uma retrospectiva histórica e cultural dos navegantes Tocantinopolinos” (2020-2021). Foi uma experiência acadêmica enriquecedora em um momento pandêmico (COVID-19), mesmo diante dos desafios na educação, na pesquisa e da incerteza da vida. Dando sequência à pesquisa entre 2021-2022 desenvolvo a segunda entrada no Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC) agora pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) com o tema: “Patrimônio Material e Imaterial: barcos e o modo de fazer dos barqueiros de Tocantinópolis-TO”. Ambas pesquisas sob orientação da professora Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia Domingues Lopes<sup>1</sup>, e vinculadas ao seu Grupo de Pesquisa Cultura, Educação e Política: patrimônios, tecnologias, ruralidades e gestão (GP CEP).

A temática me chamou atenção na disciplina “Cultura, Política e Patrimônio” ministrada em 2019 pela Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia Domingues Lopes. Lembro que através dessa disciplina tive a oportunidade de ir a campo pela primeira vez, foi um dia bem marcante, pisei na beira rio de Tocantinópolis para fazer trabalho de campo e senti a certeza que era a área mais desafiadora e instigante para pesquisar. Não era minha zona de conforto, mas de confronto diante de informações que para outros não são relevantes, porém no olhar de uma Cientista Social essas informações tornam-se dados riquíssimos para as Ciências Humanas. Em uma reunião em grupo para o trabalho final da disciplina, chegamos à conclusão de que trabalhar com os barqueiros seria algo inovador no que diz respeito ao patrimônio local. Ressalto que desde 2019

---

<sup>1</sup> A orientadora da pesquisa trabalha com a temática desde a graduação na UFPA e atua nos seguintes temas: comunidades tradicionais, identidade, patrimônio, cultura material e memória. Agradeço por toda compreensão e estímulo para com a pesquisa.

venho obtendo informações e estudando a temática desta pesquisa que finalizo com a escrita do Trabalho de Conclusão do Curso.

A metodologia utilizada no desenvolvimento da pesquisa foi a abordagem qualitativa, definida por Minayo (2014) como método que conforma melhor as investigações de grupos, de histórias sociais sob a ótica dos atores.

O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. (MINAYO, 2014, p. 57).

Consequente, iniciou-se uma busca bibliográfica sobre a temática, passando-se à escolha metodológica mais adequada para este tipo de pesquisa e quais técnicas poderiam contribuir com afinco no desenvolvimento da escrita, selecionando autores das Ciências Sociais como embasamento científica para o trabalho. No entanto, para chegar aos resultados e desenvolver uma discussão coerente com a temática buscou-se um referencial teórico, contendo autores regionais e locais, o levantamento bibliográfico foi feito no acervo físico da biblioteca da UFT no Campus de Tocantinópolis e nos periódicos seguros disponíveis na internet, incluindo o repositório virtual da UFT.

A pesquisa bibliográfica, é o início de uma pesquisa, em que pesquisadores buscam obras relevantes para dar embasamento à análise do problema durante o processo de construção do projeto (SOUSA; OLIVEIRA; ALVES, 2021, p. 65).

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (ANDRADE, 2010, p. 25 *apud* SOUSA; OLIVEIRA; ALVES, 2021, p. 65).

Na sequência, foram feitas as entrevistas com os barqueiros em campo por meio da técnica de pesquisa chamada história de vida/oralidade que será narrada, com finalidade de obtermos informações e conhecimentos. Neste trabalho teremos uma escrita etnográfica descritiva, além das entrevistas e fotografias.

Em campo, é necessário ter conhecimento destas normas técnicas e linguagens que possam ser produzidas através das imagens capturadas. Ao sair para registrar algumas imagens em um primeiro momento, foi possível perceber o quão é difícil pôr em prática e saber qual é o melhor click, ou qual é o melhor ângulo. A pesquisa audiovisual, não se trata apenas de registrar fotografias ou filmes, mas sim, de trabalhar com um conteúdo que estabelece significados dentro da antropologia e que possam trazer cientificidade à pesquisa (DIAS, 2022, p. 21).



Minayo (2014 p. 146), citando Schutz, distingue na prática de pesquisa, a experiência e conhecimento, pois muitas pessoas podem ter simultaneamente uma mesma experiência. No entanto, o conhecimento gerado dessa vivência é diferenciado e variado, de acordo com a bagagem biográfica e reflexiva das pessoas.

Minayo completa afirmando que

Essa distinção é preciosa para quem trabalha com entrevistas qualitativas, pois os trabalhadores de campo encontrarão sempre muitas diferenças de detalhes e de aprofundamento em narrativas sobre o mesmo fato, contadas por atores diferentes, mesmo que esses estejam vivendo ou tenham vivido a mesma realidade. (MINAYO, 2014, p. 146).

História de vida não é apenas uma técnica de pesquisa, mas é também uma maneira de conhecer, entender e compreender nossos interlocutores e suas identidades, documentos importantes são produzidos a partir da memória, abrindo portas para estudos mais aprofundados. (BURGER; VITURI, 2013, p. 01). Na literatura científica a história de vida como estratégia de pesquisa consegue a transformação dos objetos em sujeitos. É importante e valiosa a coleta de informações da vida pessoal dos informantes para uma melhor compreensão de como os sujeitos representam suas experiências individuais e vivências. (BURGER; VITURI, 2013, p. 04). Chizzotti (2006, p. 101-102) ratifica dizendo:

História de vida é um relato retrospectivo da experiência pessoal de um indivíduo, oral ou escrito, relativo a fatos e acontecimentos que foram significativos e constitutivos de sua experiência vivida. História de vida pode significar muitas coisas, dependendo dos objetivos ou dos pressupostos teóricos do pesquisador.

A história de vida narra a vida do indivíduo ou de um grupo, apoiando-se em variadas fontes de informação além do relato do sujeito, como documentos, entrevistas ou quaisquer outras fontes que contenham informações sobre os fatos, o contexto e a própria pessoa.

Mesmo com a pandemia da COVID-19 foram feitas algumas entrevistas orais com os barqueiros onde se obteve informações da construção dos barcos e sobre o contato com a profissão, visando compreender a participação deles na construção da cidade. As entrevistas foram feitas presencialmente seguindo todas as normas prescritas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), usando máscaras, álcool em gel e mantendo a distância dos entrevistados, ressaltado com veemência que todos estão vacinados contra a COVID-19.

Um novo coronavírus causador de uma doença infecciosa (COVID-19) com alta transmissibilidade espalhou-se pelo mundo (Guo et al., 2020). Desde dezembro de 2019 até abril de 2020 foram confirmados 2.119.300 casos em diversos países, sendo 30.425 casos confirmados e 1.924 óbitos no Brasil (Brasil, 2020), tornando-se uma emergência de saúde pública de interesse internacional pela Organização Mundial da Saúde (OMS) (Guo et al., 2020). (VASCONCELOS et. al., 2020, p. 76).

Diante deste cenário, houve consequências econômicas e também emocionais, lidar com as emoções no meio do caos, foi difícil para todos, mais ainda para alguém que perdeu um ente familiar. Pensando nas consequências do isolamento, não podemos deixar de citar que além do impacto na economia e nas questões de ordem social (dificuldade de acesso a bens essenciais, por exemplo), evidencia-se um abalo nas questões emocionais. (VASCONCELOS et. al., 2020, p. 78). A pesquisa não parou e cientistas, por meio de artigos, proporcionam informações esclarecedoras e pertinentes para o futuro.

Durante a pandemia, mesmo com toda a dificuldade, consegui continuar com a pesquisa, desenvolvendo o projeto de iniciação científica que me trouxe a este TCC. Foi possível observar os barqueiros e tomar sua historicidade como patrimônio cultural e histórico a partir de uma discussão sobre o que atualmente se entende por patrimônio material e imaterial. Temos a seguinte indagação: De que forma os saberes e fazeres dos barqueiros podem ser pensados como patrimônios na cidade de Tocantinópolis?

Partindo deste problema de pesquisa, cito que o objetivo geral desta pesquisa foi compreender os saberes e fazeres dos barqueiros como patrimônios em Tocantinópolis. Assim temos os objetivos específicos: Identificar os saberes e fazeres pela oralidade/história de vida dos barqueiros; Relatar a relação dos barqueiros com sua profissão e o seu objeto de trabalho; Descrever o modo de fazer os barcos e suas nomenclaturas; Descrever as características das práticas culturais, numa ótica da tradição religiosa.

No primeiro capítulo temos a *Introdução* com a apresentação do problema de pesquisa, objetivos e metodologia.

No segundo capítulo com título *Patrimônios: os saberes e fazeres dos barqueiros* trata-se da identificação dos saberes e fazeres pela oralidade/história de vida dos barqueiros. Assim, teremos a revisão bibliográfica dos conceitos de cultura, memória, identidade, patrimônio imaterial e material, com autores das Ciências Sociais na área da Antropologia e uma apresentação do órgão responsável pela preservação cultural no Brasil, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Teremos um breve relato da história e fundação da cidade Boa Vista/Tocantinópolis para oferecer uma descrição do cenário da pesquisa, bem como do Rio Tocantins. A intenção é para alcançar os objetivos relacionados à profissão dos barqueiros e ao seu objeto de trabalho, mediante a compreensão da construção do transporte fluvial, incluindo as nomenclaturas e o funcionamento da logística de trabalho entre o grupo.

Para o terceiro capítulo, intitulado *Práticas Culturais no Bico do Papagaio – Tocantins* descreveremos as práticas culturais por meio da tradição religiosa, recuperando através de

entrevistas orais e da memória dos interlocutores, as informações que permitirão as análises aqui esboçadas, bem como outras futuras. Diante das lacunas presentes nos referenciais teóricos e da ausência dos personagens da pesquisa em escritos da cidade, este estudo busca visibilizar e reconhecer a contribuição do grupo na construção cultural, identitária e patrimonial da cidade de Tocantinópolis.

A tarefa de mostrar na academia e para a população local a participação dos barqueiros na construção da cidade de Tocantinópolis é necessária, pois as pessoas da região necessitam dos transportes fluviais e do conhecimento dos barqueiros no trajeto no Rio Tocantins. Por fim, o intuito deste trabalho de pesquisa é que ele entre para o acervo da história da cidade e que contribua para divulgar a profissão e as histórias envolvendo os barqueiros. Trabalhamos com a memória dos nossos interlocutores para colaborar para o acúmulo e a continuidade da produção de dados, registro de informações que não estão escritas e produção de conhecimento a fim de que, futuramente, não sejam esquecidas, como por exemplo, as embarcações que podem sofrer mudanças na estética e no manuseio e provocarem futuras análises.

As entrevistas foram feitas no intervalo do trabalho dos barqueiro ou enquanto fechavam a lotação dos barcos, a exceção foi a entrevista com o ex-barqueiro Raimundo e do ex-construtor de barco Demétrio. Faz-se importante registrar que a primeira ida a campo foi em 2019 durante a disciplina “Cultura, Política e Patrimônio”, juntamente com a colega de turma Letícia Pereira da Conceição e Ronaldo da Conceição chegamos no grupo de barqueiros que estava trabalhando na beira Rio e durante a conversa indicaram que conversássemos também com o Seu Raimundo ou “Menstrin” assim chamado por todos, entre os interlocutores conhecemos o Fábio, neto do seu Raimundo, que por está próximo do horário de almoço nos convidou para írmos até a sua casa, entrevistar seu avô, que em outra ocasião foi entrevistado por site da região.

Durante o caminho, Fábio foi falando do lugar onde os barcos ficam a noite, pois na madrugada às águas do Rio sobem e podem encher as embarcações, e para que isso não aconteça eles ficam amarrados na parte mais alta do cais. Outro assunto abordado foi sobre as marcações no trajeto entre as duas cidades Porto Franco - Maranhão e Tocantinópolis - Tocantins, as marcações servem para ter cuidados por parte dos barqueiros com pedras no rio. Foi assim que chegamos na casa dos nossos interlocutores e por meio das entrevistas abertas tivemos informações sobre a temática. No primeiro contato em grupo não estava sozinha, no entanto segui sozinha com o tema e durante a graduação ouvi que durante a escrita, eu estaria sozinha, conversando com os meus referenciais teóricos.

A seguir, a Figura 1 demonstra o dia da entrevista descrita acima, nela aparecem os

nossos interlocutores que são: Seu Raimundo (“Mestrim”), sua filha Marilam e seu neto Fábio, além das acadêmicas Letícia Pereira e eu, foi um momento de muito aprendizado sobre a história local, o trabalho como barqueiro, a participação na construção da cidade por meio da profissão e a relação com transportes fluviais. Trocas de gerações por meio da oralidade, resgate memorial e de certa forma de comparação de quando Tocantinópolis era chamada de Boa Vista do Padre João, mudanças na geografia do rio Tocantins, na cidade e dos diferentes contextos que a cidade e a população enfrentaram, fases harmoniosas e outras não, mas que fazem parte da região que está na memória dos moradores mais antigos do lugar.

Figura 1 - Mestrim e família recebendo as acadêmicas Rafaela e Leticia



Fonte: Letícia Pereira, 29 de Novembro de 2019.

A pesquisa qualitativa, quando tratando da memória e oralidade, permite um resgate do passado e situações já vivenciadas, mas possível de serem repassadas para outras gerações como escritos que futuramente servirão de análises qualitativas e quantitativas. Fazer pesquisa é conhecer uma minúscula parte do mundo ou da história de vida de um indivíduo sob a ótica de uma pesquisadora em formação.

Outro interlocutor indicado pelos barqueiros foi o Senhor Demétrio, no momento em que perguntava sobre a construção dos barcos sempre diziam o nome dele. Daí me ensinaram onde ficava a casa do construtor de barcos na cidade e fui até lá. Na primeira tentativa de entrevista no horário da tarde, não encontrei o Sr. Demétrio, e de acordo com o seu filho o melhor horário para encontrá-lo seria matutino, me passou um número de contato para marcar um horário. No dia seguinte, depois de confirmar com o filho do Sr. Demétrio a presença dele na cidade, fui até ele. Então, chego na casa do Sr. Demétrio, estava sentado em uma cadeira na área da sua casa,

observando o movimento das pessoas na rua.

Foi um dos momentos mais gratificantes da pesquisa, porém com certa dificuldade, pois o Sr. Demétrio é idoso e fez um esforço maior para lembrar, no entanto trouxe informações sobre a construção dos barcos. Peço para tirar uma foto dele e ele recusa, sua neta afirma que será difícil eu conseguir essa foto, continuo com a entrevista e novamente peço para tirar uma foto dessa vez ele aceitou. O registro feito por mim na maneira como ele estava sentado quando eu cheguei e permaneceu durante a entrevista (Figura 2).

Figura 2 - Sr. Demétrio



Foto: Rafaela Coutinho, 2022.

Quanto aos outros interlocutores, foi possível observar suas práticas, por meio de suas práxis, seus saberes e fazeres, sempre foram desenvolvidas com muita paixão, apesar de que alguns estão na profissão por falta de estudo em outras áreas. Nossos interlocutores têm idade variável entre 40 e 55 anos. Quanto à escolaridade, a maioria deixou os estudos para seguir como barqueiro, enquanto outros tinham que ajudar no sustento da família.

A partir dos relatos das práticas dos barqueiros é possível pensar que nossos interlocutores são oriundos do município de Tocantinópolis-Tocantins e Porto Franco-Maranhão, e todos os praticantes dessa profissão nesse enredo têm em suas histórias e

identidades enquanto cidadãos tocantinopolinos ou portofraquinos. Lembrando que as cidades são vizinhas separadas pelo rio Tocantins, que ao mesmo tempo demarca a fronteira física entre dois estados da federação, onde ocorre um fluxo maior de pessoas no cais/orla de ambas as cidades e de outros lugares que necessitam desses serviços para um deslocamentos mais rápidos do que as balsas, estas pertencentes a empresa PIPES do empresário da região Pedro Iran, que com os barqueiros dividem espaços e clientes.

Este trabalho será entregue aos nossos interlocutores, os barqueiros, para que familiares e interessados possam ter acesso ao material, assim como será publicado no repositório virtual da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

## 2 PATRIMÔNIOS: OS SABERES E FAZERES DOS BARQUEIROS

### 2.1 Patrimônio Material e Imaterial

Patrimônio é tudo o que criamos, valorizamos e queremos preservar. São os monumentos e obras de arte, e também as festas, músicas e danças, os folguedos e as comidas, os saberes, fazeres e falares. Tudo enfim que produzimos com as mãos, as idéias e a fantasia. (LONDRES, 2012 apud BRAYNER, 2007, p. 01).

A palavra patrimônio vem de pater, que significa pai. Tem origem no latim, uma língua hoje morta que deu origem à língua portuguesa. Patrimônio é o que o pai deixa para o seu filho. Assim, a palavra patrimônio passou a ser usada quando nos referimos aos bens ou riquezas de uma pessoa, de uma família, de uma empresa. Essa ideia começou a adquirir o sentido de propriedade coletiva com a Revolução Francesa no século XVIII. (BRAYNER, 2007, p. 12).

O patrimônio cultural é formado pelo conjunto de saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo (BRAYNER, 2007, p. 12). O conceito de patrimônio ou a ideia de patrimônio, não deve ser limitado apenas ao que tange aos bens materiais, logo entende-se que podem se estender a tudo aquilo considerado valioso por uma comunidade ou população. A escolha de um patrimônio é feita a partir da representação, valores e significados atribuídos pelas pessoas a objetos, lugares ou práticas culturais, esse patrimônio é a representatividade da identidade de um povo (BRAYNER, 2007).

Para Pelegrini; Funari (2009, p. 14) “Patrimônio é uma palavra de origem latina, *patrimonium*, que se referia, entre os antigos romanos, a tudo o que pertencia ao pai, pater ou pater *familias*, pai de família.” A semelhança dos termos - *pater*, *patrimonium*, *familia* - porém, esconde diferenças profundas nos significados, já que a sociedade romana era diversa da nossa. A família compreendia tudo que estava sob domínio do senhor, inclusive a mulher e os filhos, mas também os escravos, os bens móveis e imóveis, até mesmo os animais. Isso tudo era o *patrimonium*, tudo que podia ser legado por testamento, sem excetuar, portanto, as próprias pessoas.

O conceito de patrimônio material e imaterial é amplo, pois é uma vasta área do conhecimento que pode ser aplicado. São base para a compreensão da prática do trabalho dos barqueiros e, conseqüentemente, do processo de trocas de saberes e de suas representações como fazeres. Essas trocas podem ocorrer no seio familiar, passada de avô para neto, de pai para filho, ou podem ser passadas para interessados que não fazem parte da família, mas que despertou um interesse para a profissão de barqueiro. O termo ‘barqueiro’ é utilizado, às vezes,

para designar apenas o proprietário do barco, geralmente um comerciante. Entretanto, é usado corriqueiramente para se referir aos membros da tripulação constituída de pilotos, proeiros, e remeiros, e é neste último sentido que o utilizamos, salvo quando houver indicação em contrário no texto (MEDEIROS; CORMINEIRO, 2016, p. 188).

Os bens culturais materiais (também chamados de tangíveis) são paisagens naturais, objetos, edifícios, monumentos e documentos. Os bens culturais imateriais estão relacionados aos saberes, às habilidades, às crenças, às práticas, aos modos de ser das pessoas. (BRAYNER, 2007, p. 16).

O Iphan trata de preservar o patrimônio cultural tanto de natureza material e imaterial. Dentro do Iphan, o Departamento do Patrimônio, como já diz seu próprio nome, cuida da preservação dos bens culturais de natureza imaterial. Na preservação deste tipo de bem cultural importa cuidar dos processos e práticas, importa valorizar os saberes e os conhecimentos das pessoas. São os ofícios e saberes artesanais, as maneiras de pescar, caçar, plantar, cultivar e colher, de utilizar plantas como alimentos e remédios, de construir moradias, as danças e as músicas, os modos de vestir e falar, os rituais e festas religiosas e populares, as relações sociais e familiares que revelam os múltiplos aspectos da cultura cotidiana de uma comunidade. (BRAYNER, 2007, p. 16).

Brayner (2007) conforme citado vai mostrar a divisão dos bens materiais e imateriais, divisão esta em que o primeiro grupo, no caso objetos materiais podem ser tocados e os imateriais podem ser sentidos e estão relacionadas ao que não podem ser tocados, a partir dessa divisão há a necessidade de preservação, o IPHAN é o órgão responsável por preservar patrimônios nacionais em que possui departamentos para a especificidade de cada patrimônio.

Quanto ao patrimônio na esfera estadual houve uma patrimonialização dos bens culturais no estado do Tocantins. O primeiro ato de preservação ocorreu no ano de 1987 com o tombamento do Centro Histórico de Natividade, pelo IPHAN (SANTOS, 2020, p. 13 apud BALSAN; NASCIMENTO, 2020, p. 13).

Cavalcante e Kimura (2018, p. 96 ) afirmam:

O patrimônio cultural diz respeito a objetos que têm existência em universos próprios de vivências. Embora sua constituição envolva diversas esferas de interesses políticos, econômicos e sociais, que possam articular simbolicamente esses objetos para as mais variadas finalidades, o patrimônio cultural se estabelece e se reproduz em espaços e tempos determinados por experiências individuais e coletivas que lhe tangem a existência e lhe conferem significação.

Logo, toda experiência, seja ela individual ou coletiva, possui significado, seja com finalidade política, econômica e/ou social, independente do espaço ou tempo, as relações e os vínculos são construídos com as pessoas e os lugares dentro da sociedade.

O núcleo histórico de Natividade foi o único tombamento realizado no estado do Tocantins até o ano de 2007, quando foi realizado com intenção no tombamento do Centro Histórico de Porto Nacional. O patrimônio cultural imaterial, relativo aos bens inseridos em



processos dinâmicos da vida social. Cavalcante e Kimura (2018, p. 106).

Considerando a realidade humana em seu espaço de vivência como uma paisagem cultural, têm-se no Estado do Tocantins, sob o ponto de vista do patrimônio, configurações que podem ser lidas a partir das características naturais do espaço e dos processos históricos de formação da sociedade. Estas constituem paisagens culturais particularizadas em termos dos vínculos que as pessoas constroem entre si e com os lugares em que vivem. (CAVALCANTE; KIMURA, 2018, p. 118).

A partir da esfera estadual, podemos adentrar especificamente o patrimônio cultural em Tocantinópolis, por mais que seja uma cidade com 164 anos, seu patrimônio cultural precisa ser preservado e descrito. Não há políticas de patrimonialização municipal e não visualizamos o interesse por parte das autoridades municipais em buscar para a cidade uma casa de cultura ou um museu. Quanto às políticas de patrimonialização estaduais e nacionais existem e é por meio delas que o estado do Tocantins possui tombamentos e registros por órgãos responsáveis pelo reconhecimento cultural nessas esferas.

Quando se fala que algo foi tombado na área do patrimônio é quando o objeto recebe do IPHAN a certificação de preservação, ou seja, passa a fazer parte do Patrimônio Nacional, e não pode ser destruído.

A palavra tombo, significando registro, começou a ser empregada pelo Arquivo Nacional Português, fundado por D. Fernando, em 1375, e originalmente instalado em uma das torres da muralha que protegia a cidade de Lisboa. Com o passar do tempo, o local passou a ser chamado de Torre do Tombo. Ali eram guardados os livros de registros especiais ou livros do tombo. No Brasil, como uma deferência, o Decreto-Lei adotou tais expressões para que todo o bem material passível de acatamento, por meio do ato administrativo do tombamento, seja inscrito no Livro do Tombo correspondente (IPHAN, 2014).

Para o senso comum a palavra tombo ou tombamento se refere a algo negativo, de que não deu certo, já no âmbito do patrimônio o tombamento é algo que deu certo, foi importante para um grupo e necessita ter o reconhecimento, o registro no Livro de Tombo.

Na cidade de Tocantinópolis-TO temos dois patrimônios tombados: Igreja Nossa Senhora da Consolação e Seminário São João XXIII.

A igreja Nossa Senhora da Consolação em Tocantinópolis é tombada como Patrimônio Histórico do Tocantins. ‘Essa catedral é a primeira a ser tombada como patrimônio cultural do Tocantins, o que garante a preservação de sua identidade e sua história para as futuras gerações’ relata a Senadora Katia Abreu. O tombamento ocorreu no dia 16 de março de 2011, pelo patrimônio cultural do Tocantins, através de convênio entre o Governo do Estado e a Ação Social Diocesana de Tocantinópolis (Secom) (VIEIRA, 2015, p. 30).

Silva (2008, p. 148) ao chegar de barco em Tocantinópolis descendo pelo rio Tocantins, ainda avista a parte antiga da cidade e, como símbolo da imponência católica, a Igreja ostenta sua torre central em uma das partes mais altas do município. Assim como tantas outras cidades, Tocantinópolis foi organizada em torno da Igreja Matriz que foi construída

numa época em que a principal comunicação do município, senão a única, desde o século XIX, era por via fluvial. Relatou Ignácio Xavier da Silva (1935, p. 17 *apud* SILVA, 2008, p. 148):

Vivendo segregada do Estado de Goiás, quer pela distância, como pelas dificuldades de comunicações, a longínqua cidade de Boa Vista estava entregue ao trabalho de seus habitantes, mantendo comércio com os demais Estados do Norte, sobretudo com o do Maranhão e Pará.

Dentro desse contexto temos registrados dois tombamentos pelo IPHAN, a Igreja Nossa Senhora da Consolação e Seminário São João XXIII (Figura 3 e Figura 4).

Figura 3 - Igreja Nossa Senhora da Consolação



Fonte: Rafaela Coutinho, 2022

Figura 4 - Seminário São João XXIII



Fonte: Rafael Cruz, 2020

Os patrimônios material e imaterial nortearam o caminho percorrido até os personagens da pesquisa, isto é, os barqueiros, e entender estes conceitos foi necessário para perceber o rico patrimônio existente na região do Bico do Papagaio no Norte do Tocantins, pois os barqueiros com suas histórias de vida demonstram a riqueza cultural de Tocantinópolis. A Igreja Nossa Senhora da Consolação e o Seminário São João XXIII, patrimônios materiais tombados, são cenários de uma construção cultural e tradicional da cidade.

No entanto, a memória e oralidade são elementos pertencentes na construção de informações, dando ao trabalho embasamento por meio de conceitos científicos perceptíveis no grupo pesquisado. No subtítulo seguinte descreve-se a memória e a oralidade como relevante no que se refere à história de vida, elementos trabalhados por meio da busca no passado dos

interlocutores, tanto na memória individual como na coletiva, proporcionando uma reflexão do lugar do barqueiro na cidade de Tocantinópolis.

## 2.2 IPHAN – Preservação

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) é o órgão responsável no Brasil pela preservação cultural, histórica e de objetos, ou seja, patrimônio imaterial e material são termos usados para referenciar saberes culturais dos grupos sociais, ao mesmo tempo os objetos materiais, sejam artefatos ou uma construção histórica. É a conservação desses patrimônios que podemos enriquecer no campo de pesquisa e na diversidade cultural brasileira.

A constituição assegura a preservação do patrimônio brasileiro seja ele bens materiais ou imateriais. Como prevê o artigo 216, o patrimônio cultural é composto de todas as vertentes envolvendo culturas, além disso a legislação prevê também punição a qualquer dano ao patrimônio preservado.

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem. I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. Parágrafo 1º - O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação e de outras formas de acautelamento e preservação. Parágrafo 4º - Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei 5º - Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos 6º - É facultado aos Estados e ao Distrito Federal vincular a fundo estadual de fomento à cultura até cinco décimos por cento de sua receita tributária líquida, para o financiamento de programas e projetos culturais, vedada a aplicação desses recursos no pagamento de: I – despesas com pessoal e encargos sociais; II – serviço da dívida; III – qualquer outra despesa corrente não vinculada diretamente aos investimentos ou ações apoiados. (Constituição de 1988. art. 216 p. 126).

O IPHAN trata da preservação do patrimônio cultural tanto material (tangível) quanto imaterial (intangível), ambos departamentos têm subdepartamentos, assim, o imaterial é composto pelo Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), um instrumento de conhecimento de bens de qualquer natureza (BRAYNER, 2007, p. 21):

O Livro de Registro dos Saberes; para a inscrição de conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;

O Livro de Registro das Celebrações; para rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;

O Livro de Registro das Formas de Expressão; para o registro das manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

O Livro de Registos dos lugares; destinado à inscrição de espaços como mercados, feiras, praças e santuários, onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas. (BRAYNER, 2007, p. 21)

Já os bens culturais materiais (também chamados de tangíveis) são paisagens naturais, objetos, edifícios, monumentos e documentos (BRAYNER, 2007, p. 16).

Quando se fala em apoio e fomento da parte do IPHAN é sobre a contribuição na parceria, no trabalho de instituições e grupos locais, na preservação de bens e práticas como patrimônio.

O estado Tocantins é rico em pesquisa, no campo do patrimônio sabemos da diversidade e riqueza histórica e cultural que o estado possui.

Dito isto, Cavalcante e Kimura (2008, p. 94) confirmam:

O estado do Tocantins, como unidade federativa, é criação da Constituição de 1998. Para além de sua constituição geopolítica, o território em questão é fruto de processos seculares de sedimentação de identidades e ponto proeminente cultural pelo poder público. Neste sentido há de se considerar que, embora a articulação da gestão governamental ocorra em fronteiras geográficas delimitadas, os universos culturais extrapolam esses limites espaciais. Territórios de processo culturais são concebidos como redes de sentidos que podem criar sentidos de unidade e de fronteira, ainda que a unidade seja fragmentada e as fronteiras tênues e móveis, pois as vivências se aproximam e se distanciam constituindo espaços de transculturações.

Então, fazer o rememoração sobre cultura, tradições e identidade de um grupo da região em documento, é trazer uma forma de expressão e registro na constituição de ferramentas que dialogam diretamente com a preservação do patrimônio nacional tanto imaterial como material.

Assim, preservar não é só guardar uma coisa, um objeto, uma construção, um miolo histórico de uma grande cidade velha. Preservar é manter vivos, mesmo que alterados, usos e costumes populares. É fazer, também, levantamentos, levantamentos de qualquer natureza, de sítios variados, de cidades, de bairros, de quarteirões significativos dentro do contexto urbano. É fazer levantamentos de construções, especialmente aquelas sabidamente condenadas ao desaparecimento decorrente da especulação imobiliária. Devemos, então, de qualquer maneira, garantir a compreensão de nossa memória social preservando o que for significativo dentro de nosso vasto repertório de elementos componentes do Patrimônio Cultural. (LEMOS, 2010, p. 29).

Segundo Silva (2008), todo o acervo cultural que constitui o patrimônio histórico pode ser entendido enquanto objeto-memória, exercendo função semelhante. Em Tocantinópolis é

possível encontrar bens culturais não preservados. A discussão apresentada por Silva (2008, p. 139), apresenta a cidade e a relação com o patrimônio histórico, afirmando:

Em relação ao patrimônio histórico, a parte da cidade ocupada ainda no século XIX conserva de forma precária as casas em estilo lusitano, algumas delas, construídas “em adobe rebocado, [com] pintura a cal, leite e anilina” (OLIVEIRA, 1995: 38), permanecem desde as primeiras décadas do século XX misturadas na paisagem às construções de taipa, e caracterizam-se por possuir a porta de entrada de forma que esta se encontre diretamente com a calçada da rua.

A conservação das antigas casas da cidade é relacionada com o patrimônio histórico, a estrutura das casas possuem características do século XX e com a conservação por parte dos moradores, enquanto outras foram destruídas pela ação do tempo, tipo de material que as casas foram construídas e por descaso dos proprietários, o que para nós pesquisadores da área coloca relevância cultural e histórica na preservação dos bens simbólicos.

A população de Tocantinópolis optou por preservar e reforçar através do patrimônio histórico-cultural uma identidade social em conformidade com os preceitos religiosos, mantendo os vínculos com a política. Para Silva (2008), os bens culturais são utilizados para contar uma história que “realmente aconteceu”, estes objetos-memórias que Silva apresenta são utilizados como estratégia de ensino, construindo uma versão do passado.

Ney Alves de Oliveira (1995) escreve no seu livro *Navegando pelo Tocantins* que Tocantinópolis está “em débito com o passado” porque a cidade não preserva o seu patrimônio histórico. Silva (2008) recupera os escritos de Oliveira (1995) para afirmar que: “Passado, esta a memória social seleciona, elimina ou reforça determinados elementos construídos coletivamente, mas que nunca deixa de representar um passado possível de ser contado a outras gerações a partir dos valores de um determinado grupo social”. A memória e a identidade são atribuídas aos grupos sociais e nesse caso específico, ao grupo dos barqueiros a partir da ligação com o passado e das lacunas deixadas durante a construção da história da cidade, os escritos buscam então dar voz aos grupos esquecidos que contribuíram na construção identitária local, e no presente diminuir o débito com o passado.

### **2.3 Delineando o Rio Tocantins e Tocantinópolis-TO**

Boa Vista do Padre João, chamada assim devido a grande influência do padre na cidade, amado por muitos e por outros não. Uma cidade que carrega em sua história a fé e muitos personagens especiais acalmados pelas águas do Rio Tocantins. Em meados de 1610, o francês De Blanjartier estava em uma expedição exploradora da região do norte de Goiás, especificamente no Rio Tocantins, afluente da bacia amazônica que chegou até então à cachoeira de Itaboca. Somente três anos depois, em 1613, que Picardo La Planque, fazendo o

mesmo trajeto, chega às proximidades da cachoeira de Santo Antônio, hoje chamada Itaguatins, onde encontrou povos indígenas da região. (PEREIRA, 2012, p. 20)

Para contar a história de Tocantinópolis é necessário tratar da presença dos indígenas que já estavam morando nessas terras. Oliveira (apud SOUSA, 2008, p. 11) afirma que:

Não podemos esquecer de colocar em cena os índios Apinajé, os quais estão inseridos no contexto da cidade de Tocantinópolis. Aliás, a cidade de Tocantinópolis foi construída em cima de uma aldeia Apinajé. Esta população indígena foi vista pelos bandeirantes entre 1633 e 1658, quando o primeiro barco subiu o Rio Tocantins acima, os Apinajé resistiram às primeiras tentativas de ocupação destas terras por povos estranhos. Trata-se de uma resistência de 164 anos de negação de contatos (de 1633 a 1797), a partir desse momento ocorreram os primeiros contatos interétnicos entre os Apinajé e os povos estranhos.

La Planque conviveu com os nativos, chamando-os de Tucantins, na língua tupi-guarani é nariz de tucano, grande, afilado e pontiagudo. Em 1673, o bandeirante Paschoal Paes de Araújo, percorre as águas do Rio Tocantins com a intenção de capturar índios, chegando, não encontrou, pois lamentavelmente tinha ocorrido um extermínio da tribo no Tocantins (PEREIRA, 2012, p. 20).

Sobre a fundação da cidade, alguns estudiosos dizem que Antônio Faustino e Venâncio são os primeiros a chegarem à Boa Vista em 1818 e sete anos depois chega Pedro José Cipriano.

Carlota de Carvalho enfatiza (apud PEREIRA, 2012, p. 25) que os

Emigrantes de Pastos Bons, pobres plantadores de mandioca, milho, tabaco, Antônio Faustino e velho Venâncio, com suas respectivas famílias, em que abundavam moças e crianças, fixaram-se em 1818 em um lugar acima do Taurizinho, cinco a seis quilômetros, alto e argiloso, na riba esquerda do Tocantins, que aí tem mais de mil metros de altura. Devido à elevação, tem grande descortino sobre o rio e por isso deram-lhe o nome Bom Vista.

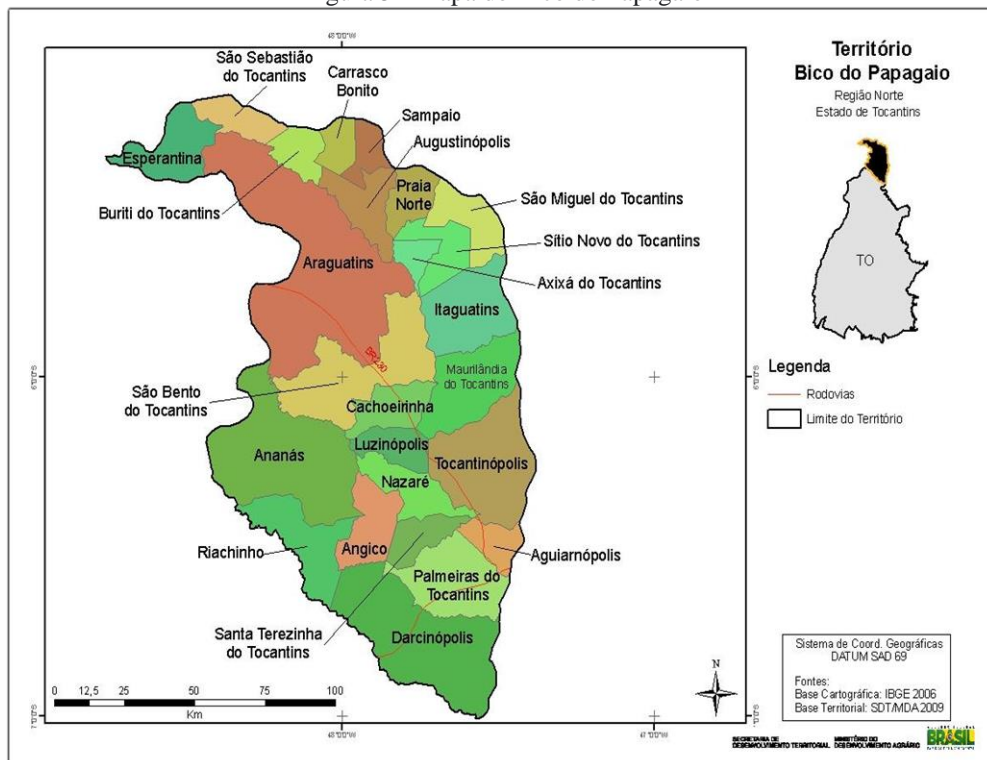
Segundo Pereira (2012, p. 24):

Pedro José Cipriano, mais conhecido como Pedro Cinzas, homem de cor, natural de Cametá, Estado do Pará, em uma canoa subiu Rio Tocantins, encontrado, à sua margem esquerda, um lugar bonito, fértil e aprazível que escolheu para com a sua família nele morar. Ali, acima da ladeira do “Rola Pilão” – por ser muito alta e propiciar uma deslumbrante visão do Rio Tocantins- em 1825 construiu uma pequena capela em homenagem à Santíssima Trindade. Em virtude da bela paisagem, adornada de verdejantes palmeiras, determinou chama-la de Boa Vista do Tocantins.

Em 28 de julho de 1852, Pedro Cinzas foi reconhecido como fundador de Boa Vista de Goiás e entrou na categoria de cidade, pois foi ele que fez todos os esforços para o desenvolvimento e a consolidação da cidade. Em 1938, voltou a adotar o nome geográfico de Boa Vista, como já tinha sido batizada em 1818. No dia 31 de Dezembro de 1943, ocorreu a mudança da toponímia Boa Vista para Tocantinópolis (PEREIRA, 2012, p. 30).

Tocantinópolis é um dos municípios que formam a região conhecida como “Bico do Papagaio”<sup>2</sup> (Figura 5) é um nome em tupi dado para a região do extremo norte do Tocantins a partir do estreitamento do rio Tocantins, causado pelo recebimento de afluentes como o rio Araguaia, assim como os narizes dos Tucantins foi moldado como de um papagaio, aconteceu com o espaço geográfico dos rios. Tocantins cheio de histórias e lendas (PEREIRA, 2012). Do planalto Central de Goiás nasce o Rio Tocantins, fruto da junção dos rios Maranhão e Paranã, na qual os dois têm suas nascentes no município de Formosa-Goiás (PEREIRA, 2012, p. 21).

Figura 5 - Mapa do Bico do Papagaio



Fonte: DOMINGUES, 2019, p. 55.

Sobre a resistência dos Rios Araguaia e Tocantins Medeiros; Cormineiro (2016, p. 152) comentam:

Os rios Araguaia e Tocantins foram, por mais de dois séculos, os portões de acesso à Amazônia, tornando-se importante para região não apenas como via de comunicação e interesse econômico, mas também como espaços de construção sociocultural, espaços nos quais os barqueiros se constituíram importantes representantes e tradutores das experiências de viver dos e pelos rios. Denominados barqueiros, tripulantes e remeiros, estes trabalhadores livres moviam com remos e faias os barcos

<sup>2</sup> As cidades que fazem parte da Região do Bico Papagaio são: Angico, Ananás, Aguiarnópolis, Augustinópolis, Araguatins, Esperantina, Itaguatins, Praia Norte, São Bento, São Sebastião, Tocantinópolis, São Miguel, Buriti, Axixá, Sítio Novo, Palmeiras, Darcinópolis, Sampaio, Riachinho, Carrasco Bonito, Nazaré, Maurilândia, Luzinópolis, Santa Terezinha e Cachoeirinha.

e batelões que transportavam mercadorias, matérias-primas e valores culturais; contudo, ainda são homens invisíveis na historiografia. Muitas vezes, apenas uma sombra por entre os interesses econômicos dos comerciantes e donos de embarcações que faziam o percurso entre Porto Nacional, norte de Goiás, e Belém do Pará, estes (in)visíveis barqueiros têm suas imagens constituídas entre a folclorização e a estigmatização.

A importância dos Rios Araguaia e Tocantins para a região é enorme, por ser considerados os portos e as portas de acesso para chegar à região amazônica, uma riqueza natural presente no Brasil, relevante nas questões ambientais, econômicas e socioculturais, é nesse lugar que os barqueiros se constituem como personagens importantes e conhecedores das águas dos rios, quanto os interesses dos comerciantes sobre esses barqueiros coloca em um lugar de invisibilidade e falta de reconhecimento.

Pelos frutos dos desertos, o rio foi chamado de Tukantins, depois Rio Tocantins, conhecido como Nariz Comprido. O segundo maior rio do território brasileiro, com a totalidade de suas águas em terra nacional. Com o surgimento das usinas hidrelétricas, ocorreram inúmeros problemas tanto sociais como ambientais. Em 1984 foi concluída a primeira do Rio Tocantins, a Usina Hidrelétrica de Tucuruí, localizada no Pará, logo depois veio uma sucessão de represas. Atualmente, as águas do Rio Tocantins possuem sete usinas hidrelétricas, causando inúmeros problemas para as áreas ribeirinhas e obstáculos para os seres vivos das águas, como os peixes que por mudança de trajeto não conseguem manter-se vivos, sem falar da estiagem que ocorre em período mais longo do que o natural (PEREIRA, 2012, p. 20).

A partir da intensificação do progresso nas rodovias, ferrovias e hidrelétricas próximas ao rio Tocantins, trava-se uma luta desigual na ocupação de espaços pelo homem para satisfazer seus desejos e assim, causar prejuízos à natureza. As construções de barragens de usinas hidrelétricas, além de fazer sumir grande parte da fauna e da flora, inviabilizam também a tradição das navegações fluviais, dando lugar aos transportes terrestres; rodoviário e ferroviário. Tendo como principal exemplo, a criação da rodovia federal Belém-Brasília.

A rodovia Belém-Brasília é o principal eixo que liga a região Norte com o restante do país. Em Goiás e parte do Tocantins recebe a designação de BR-153; no Pará, de BR-010 e BR-316, e no Maranhão de BR-010. Ainda no Tocantins, ela também tem a designação de BR-226. Somente no Tocantins, a rodovia possui 43 pontes, inclusive a localizada sobre o Rio Tocantins, na divisa com o Maranhão, com 513 m de extensão. (PEREIRA, 2012, p. 42). A (Figura 6) mostra a BR-010 como a principal rodovia e as possíveis rotas para chegar nas cidades do Tocantins.



Figura 6 - BR-010



Fonte: <https://www.elbando.com.br>. Acesso em: 04 set, 2022

Alves (apud Bandeira, 1995, p. 52), enfatiza que

Foi no final da década de cinquenta, no auge da sua gloriosa caminhada, com a abertura da Belém-Brasília e a Grande Marcha para o Norte, que o sol começou a se pôr para os barqueiros do Rio Tocantins. O ocaso era inevitável. as populações marginais abandonavam célebre, a hidrovia, localizando-se à beira da recém-aberta rodovia.

Com todo esse processo de desenvolvimento, ocorreu uma mudança radical na logística fluvial. A tradição passa a perder a sua importância e seu significado. Deixando de desafiar as águas, os navegantes dão lugar aos caminhoneiros. Assim, todas as belezas das praias e os animais dependentes desses espaços, foram desaparecendo com a estagnação das águas pelas barragens das usinas hidrelétricas.

Com as novas conquistas científicas e tecnológicas, o mundo a pequenou-se e o tempo e o espaço tornaram-se conceitos inexistentes e totalmente ultrapassados na era da cibernética, dos transportes revolucionários e das comunicações que excedem a velocidade do som. Quem sabe, talvez os navegantes retornem! Virão modernos, com seus barcos sofisticados, computadorizados e dirigidos por controle remoto. Não verão a beleza das praias, nem correrão o perigo das cachoeiras. Mas a imprudência na via aquática causa acidente tão grave quanto na via terrestre. Quem viver verá! (BANDEIRA, 2008, p. 57).

Assim como os vários relatos bibliográficos, os barqueiros atuais e que foram entrevistados também ressaltam essa problemática. Pois sentem o reflexo de uma modernização causadora de problemas sociais, anulando culturas e aniquilando tradições. Como é o exemplo de alguns barqueiros, que estão em exercício há muito tempo, porém, não tiveram o primeiro contato com a profissão através de seus pais ou avós como acontecia antigamente. Contudo, os mesmos não deixam de se sentir realizados em atuar na área e se orgulham de serem chamados de “Barqueiros”.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Tocantinópolis (IBGE), Tocantinópolis é uma cidade com 164 anos, população estimada em 22.845 pessoas (IBGE, 2020), situada às margens do Rio Tocantins, carrega em sua história três revoluções políticas e armadas.<sup>3</sup>

A Beira Rio será nosso ponto principal geograficamente falando, local onde fica o cais/a orla da cidade, um dos acessos para entrada na mesma, onde os barqueiros passam a maior parte do seu tempo em trabalho, presenciando histórias e passagens de várias pessoas em seus barcos durante o dia. Cais um termo usado para referenciar o local em que os barcos são amarrados. Orla expressão usada para referenciar o local mais próximo do rio, geralmente um lugar de socialização, com praça, restaurantes e bares e é um local arborizado. Beira Rio é a expressão popularmente mais conhecida para referenciar o rio e o seu entorno. São termos locais usados para referenciar o cenário da pesquisa.

As travessias são momentos de trocas de informações e curiosidades relacionadas ao Rio, barcos e a vida na pacata cidade do Norte do Tocantins, antes pertencente ao estado do Goiás, o antigo Norte Goiano.

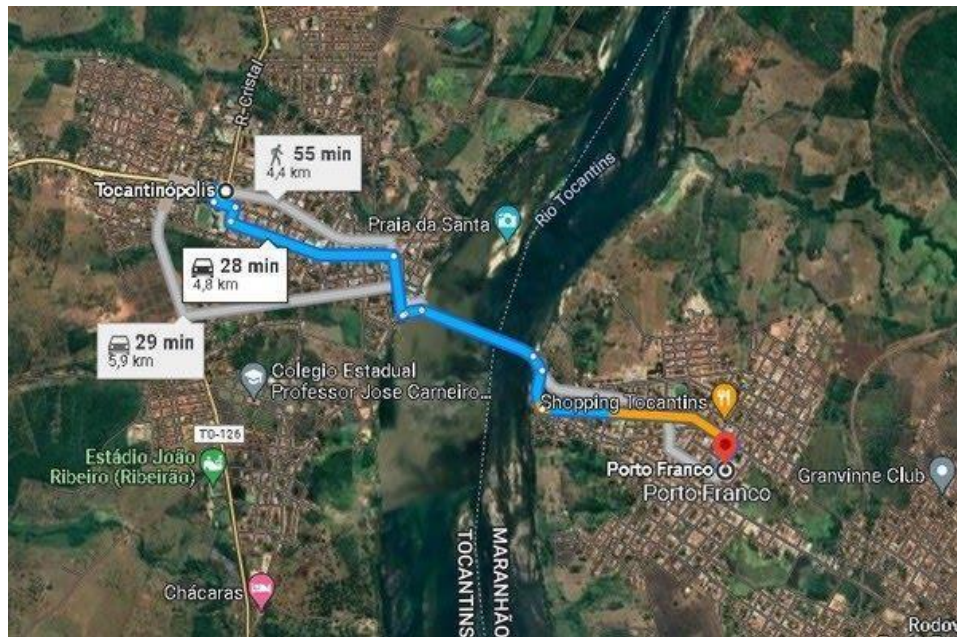
Nessa aventura sobrevivente da navegação fluvial, muitos contribuíram para o desenvolvimento e progresso da região. Embora não fiquem mencionados nominalmente, não há dúvida de que se tornaram os heróis desbravadores nessa história. Que do lugar reservado, lá nas alturas, se sintam eles realizados por terem sido os bandeirantes anônimos e se tornado imortais em razão de suas ingentes lutas. (BANDEIRA, 2008, p. 49).

As águas do Rio Tocantins e toda paisagem que o cerca possuem uma beleza particular da região, não há como fazer travessia dos dois estados da federação, Porto Franco – MA para Tocantinópolis – TO e vice e versa (Figura 7), sem registrar e apreciar a beleza do lugar.

---

<sup>3</sup> Para maiores detalhes sobre esse assunto, consulte: PALACIN, Luiz. Coronelismo no extremo norte do Goiás: o padre João e as tres revoluções de Boa Vista. Goiânia: UFG, Centro Editorial e Grafico, 1990.

Figura 7 - Cidades de Porto Franco e Tocantinópolis são separadas pelo rio Tocantins



Fonte: <https://ge.globo.com.br>. Acesso em: 04 set 2022

Na (Figura 8), é possível ver a chegada na Orla de Tocantinópolis pelo transporte fluvial, saída de Porto Franco - Maranhão, ladeiras e árvores são destaques na visão e paisagem local. Um lugar de espera e socialização da cidade, a cada ano a pintura no muro é renovada, dando destaque ao número desde a descoberta, com desenhos tropicais e referências da região, temos uma pintura semiótica da cultura local.

Figura 8 - Chegada na Orla de Tocantinópolis



Fonte: Rafaela Coutinho, 2022.

Silva (2008, p. 142) usa a expressão beira rio entre aspas, logo entendemos como uma expressão usada em cidades ribeirinhas. A população em determinadas épocas frequenta mais a beira rio, quando acontece a festa junina em Junho; com o clima tropical em Julho e o aumento da temperatura, visitantes e moradores comemoram a fundação da cidade, com shows proporcionado pela prefeitura da cidade, banham-se nas praias do Rio Tocantins, finalizando a temporada de praia a cidade conta com o festejo da Padroeira de Tocantinópolis, Nossa Senhora da Consolação em agosto (SILVA, 2008, p. 142).

## 2.4 Saberes e Fazeres

As condições materiais na produção dos saberes e fazeres possibilita a análise do processo de aprendizagem na compreensão da prática do transporte fluvial como fonte de renda, assim como a preservação ao patrimônio cultural imaterial no município. O patrimônio imaterial de Tocantinópolis, no que diz respeito à memória e prática dos barqueiros necessita ter autonomia, ou seja, promover influência sobre a importância de ser barqueiro na e para a região.

Numa perspectiva valorativa, o patrimônio cultural do país foi definido como conjunto de bens da natureza material e imaterial (tomados individualmente ou em sua totalidade) portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Entre tais bens se incluem. as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; [...] as obras, os objetos e documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico culturais; sítios de valor histórico, urbanístico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico [...] (PELEGRINI, 2008, p.8 apud SOUZA; MATOS; SANTANA, 2018, p.69).

Quanto a separação dos bens materiais e imateriais é uma forma de organização para que traga além da logística e referência em qual departamento encontra cada patrimônio deve ser vinculado, é necessário também para dar embasamento e seriedade de que os aspectos culturais precisam ser respeitados.

Nesse cenário marcado por uma belíssima paisagem e pôr do sol, que se encontram os interlocutores da pesquisa, nas travessias constrói-se uma relação e um olhar aguçado de pesquisadora, proporcionando conhecimento e informações sobre os saberes e fazeres da profissão de barqueiros na cidade no Norte do Tocantins por meio de observações e entrevistas.

A primeira entrevista foi com um jovem barqueiro que estava à espera de sua vez para poder sair com os passageiros. Pergunto seu nome, e o mesmo respondeu dizendo que se chama José Henrique (Figura 9), um jovem de 18 anos que herdara a profissão de seu padrasto, um



velho barqueiro da região, Sr. Olavo. Mesmo sendo jovem e iniciante no manuseio de barco, responde que se identificava com a profissão e que aprendera desde cedo com o seu padrasto. O que se observa de José, é que pela curta experiência que tem, não pôde contribuir mais para o que estava proposto para a pesquisa. No entanto, indicou os barqueiros mais antigos e experientes.

Figura 9 - José Henrique, barqueiro



Foto: Rafaela Coutinho, 2019.

Seguindo as sugestões do nosso primeiro entrevistado, o barqueiro Bruno (Figura 10) foi o segundo interlocutor, 35 anos de idade e mais de 20 anos de profissão. Não tem gerações anteriores da família, em que algum familiar era barqueiro. No entanto, morador próximo às margens do Rio Tocantins e desde criança em contato com barqueiros da região, identificou-se com a profissão, iniciando os trabalhos e atualmente é responsável por um barco, cujo dono não reside na cidade. Quanto a identificação com a profissão barqueiro, disse que apesar das dificuldades, tem orgulho e gosta de suas atividades, “Ah, eu amo, só se for Deus pra me tirar mesmo”.

Figura 10 - Bruno, barqueiro



Foto: Rafaela Coutinho, 2021.

Outro terceiro colaborador, Vanderlan dos Santos, mais conhecido por “Pinhé” (Figura 11), nome que se refere a um canto sonoro de um pássaro, gavião, da região norte do Tocantins e Maranhão, da família da águia. No entanto, ele se referiu ao falcão norte americano, pois esta ave estadunidense é conhecida pela força e coragem, além de ser bonita e bela, e ainda, por ser símbolo da maior potência econômica e cultural do mundo, os Estados Unidos da América.

O barqueiro Vanderlan de 46 anos de idade disse que a profissão não é uma tradição de sua família e que até seu pai o quis castigar por escolher trabalhar desde seus 14 anos como barqueiro, então, em relação à profissão e início relata que teve contato com os barqueiros nas margens do Rio e começou a atravessar para vender verduras na Orla de Tocantinópolis, antes um grande mercado da região. Com isso, o seu pai tinha medo que caísse no Rio Tocantins e morresse afogado, pois, o histórico do Rio é de que já houve muitos acidentes deste tipo com as canoas da época e de barcos a motor que terminaram por virar e naufragar ocasionando mortes alguns de seus tripulantes como bem lembra o barqueiro acerca do acidente do Padre visitante em que todos os tripulantes morreram, devido a uma chuva forte no momento da travessia.

Figura 11 - Pinhé, barqueiro



Foto: Rafaela Coutinho, 2019.

Os interlocutores reconhecem que a relação dos barcos com a história da cidade é de suma importância, bem como a contribuição dos barcos junto à economia da cidade de Tocantinópolis, antiga Boa Vista do Padre João, e à cultura local. Pinhé fez alguns relatos sobre como era a vida e a dependência das cidades em relação às navegações, haja vista que não havia rodovias e todo o transporte de cargas e de pessoas era por via fluvial, pelo Rio Tocantins.

Relatou, ainda, que antigamente existia uma cooperativa que gerenciava e administrava o transporte fluvial local, assim, havia uma maior organização dos barcos, e todos os profissionais tinham duas folgas na semana, pois, não existia uma concorrência, uma vez que todos os barqueiros eram associados e organizados pela cooperativa. Com a saída dos barqueiros mais experientes as cooperativas foram desfeitas e os mesmos começaram a se organizar por ordem, como eles falam “por vez”. No entanto, ele relata que aconteceram modificações tanto na organização de trabalho dos barqueiros como no crescimento geográfico da cidade.

Seguindo essa narrativa é possível pensar sobre o momento em que os barqueiros eram participantes das cooperativas, onde a logística era pensada com direito a folgas e um retorno financeiro maior nos dias trabalhados. Atualmente a ordem “por vez” torna um trabalho

precarizado, sujeito a diminuição no rendimento e pode gerar discussão entre os barqueiros porque as vezes alguns tomam a frente dos outros. Tratando das atuais condições de trabalho para o que se tinha antes, o descanso é menor, o rendimento também, houve um retrocesso, a partir do momento que as cooperativas foram desfeitas e eles passam a ser responsáveis inteiramente pelo andamento de deslocamento e suas formas de trabalho.

O Sr. Olavo, o padrao de Pedro Henrique, bem alegre e cheio de história, nos fala: “Eu gosto do meu trabalho, é prazeroso e sustento toda minha família com o dinheiro daqui”. Em relação a intercalação dos barqueiros quanto à travessia dos passageiros, seu Olavo estava aguardando a sua vez, porém o barqueiro da vez encontrou uma cobra dentro do barco, algo que não é a primeira vez que acontece, seria a segunda encontrada no dia, visto que cidades ribeirinhas são mais propícias a esses acontecimentos. Ao perguntar ao seu Olavo se podia tirar uma foto dele, o mesmo respondeu que “Com a minha careca de fora não, as pessoas vão me ver assim”. Logo em seguida colocou um boné e permitiu a foto (Figura 12).

Figura 12 - Olavo, barqueiro



Foto: Rafaela Coutinho, 2019.

Mazim (Figura 14), Dirceu (Figura 15) e Edízio (Figura 16) são os barqueiros que atualmente trabalham com contratos que funcionam da seguinte maneira: um cliente que necessita atravessar todos dias de Porto Franco-MA para Tocantinópolis-TO e vice e versa seja a trabalho ou estudo fecha um contrato com um barqueiro específico e por determinado um valor, geralmente menor do que seria caso a pessoa pagasse todos os dias, esse valor menor tem um prazo de um mês para a quitação e os horários são marcados conforme a necessidade do



passageiro e compromisso do barqueiro de está presente no horário tanto de ida como de volta. Sendo assim, a pessoa que precisa do transporte e do serviço do barqueiro não tem a preocupação de esperar uma lotação ( Figura 13) para atravessar o rio, ganhando mais tempo. Além dos contratos eles também trabalham com lotação, “vez por vez”. Durante a noite fora da temporada de praia, são os únicos que trabalham no turno noturno, facilitando a travessia dos contratados e os que por motivos pessoais necessitam do transporte durante a noite.

Figura 13 - Barcos esperando a lotação



Foto: Rafaela Coutinho, 2022.

Figura 14 - Mazim, barqueiro



Foto: Rafaela Coutinho, 2022.

Figura 15 - Edízio, barqueiro



Foto: Rafaela Coutinho, 2022.

Figura 16 - Dirceu, barqueiro



Foto: Rafaela Coutinho, 2022.

O interlocutor Fábio Veras, de 31 anos de idade, com o barco “11 de Julho”, vem de uma família de barqueiros, e é neto de seu Raimundo de Sousa mais conhecido como “Mestrin”. Fábio nos relata que na sua infância acompanhava o seu avô nas travessias, conexão de Tocantinópolis-TO e Porto Franco-MA e aos 11 anos, já em prática, pegava a frente do barco, com a observação do seu avô. Barqueiro foi o seu primeiro emprego, apesar de trabalhar dois anos fora de Tocantinópolis. Ao voltar em Junho de 2019, retorna com o trabalho de barqueiro, infelizmente sem ser proprietário do barco, mas como o único responsável.

Quando criança participava das festividades tradicionais na Ilha da Santa “Procissão da Nossa Senhora dos Navegantes”, um momento lembrado com muita alegria, pois falar do que gosta de fazer provoca sorrisos sinceros.

No decorrer da entrevista, Fábio fala da possibilidade de ir entrevistar o seu avô, pois o seu “Mestrin” foi entrevistado outras vezes e é possível assistir as entrevistas e vídeos em páginas de notícias sobre Tocantinópolis. Sem contato pessoal nenhum com o seu Mestrin, porém com conhecimento até então sobre a sua trajetória de barqueiro, este foi para mim um dos momentos mais gratificantes da pesquisa. Por estar na primeira experiência em campo,

conclui-se que seria de fundamental importância conhecer a história dele minuciosamente, o famoso entre os barqueiros que quando citado entre eles, falam que ele sim, poderia dar maiores informações sobre o assunto.

Fábio faz o convite para irmos a sua casa e conversar com seu avô. No caminho da casa, ele nos mostra onde são guardadas as embarcações à noite, meio afastadas do cais, devido à elevação da água durante a noite, para evitar que os barcos inundassem. Quando perguntamos sobre uns botijões brancos em alguns locais do rio, ele nos disse que é um tipo de demarcação de presença de grandes pedras no rio. Sinalizado à balsa e aos barcos, para terem atenção.

E, assim, chegamos à casa do seu Raimundo Soares de Sousa, de 86 anos (2019), mais conhecido como “Mestrin”, apelido dado por seus companheiros de trabalho quando ainda estava em exercício como barqueiro. Este apelido foi dado por dois motivos: o primeiro, por conhecer bem os espaços do Rio Tocantins, e o segundo, decorre do fato de que quando ele não sabe o nome de alguém e nem o conhece, chama-o de Mestrin - por muitas vezes ele referenciou a mim por este nome.

“Faz referência ao” saudoso Padre João, “foi ele que me batizou”, lembrou os festejos e até mesmo a posição da igreja, “antes ela era virada, hoje é para o outro lado”, a Boa Vista era bem movimentada, com mercados, idas e vindas das pessoas para as vendas de mercadorias na cidade e as festas bem frequentadas. Quando relatou sobre o tempo de suas práticas nas navegações disse a seguinte frase. “A coisa era boa demais, eu fazia viagem de Tocantinópolis para Belém, demorava uns 15 dias, chegando lá, esperava o dia certo do retorno, conforme as águas baixassem”, viagens divertidas e cheias de histórias.

Como Bandeira (2008, p. 39), afirma:

Os barqueiros, heróis anônimos, enfrentavam as cachoeiras íngremes; mas quando descansavam suas vogas iam conversar e zombar das lendas dos botos, das boiunas, dos negros d’água, das mães d’água e dos monstros das águas. Daí nascia a ciranda de trovas. Os adágios ou os provérbios populares entravam em cena.

Heróis, além de enfrentarem as águas do rio Tocantins e todos os obstáculos que surgem durante o trajeto, em momentos em que precisam parar, esperando as águas baixarem conversam e contam histórias e lendas das experiências vivenciadas na história de vida de cada barqueiro, estas histórias em que o seu Raimundo faz referência com muita alegria.

Seu Raimundo ou Seu Mestrin como é um ser humano de uma alegria e sorrisos incomparáveis e contagiantes. Quando pergunto se sente saudade do velho tempo, nos revelou que sim, com um olhar bem marcado por memórias de todo sofrimento vivido uma vez que, deixado pelos pais biológicos, foi criado por quatro famílias diferentes e, mesmo assim, foi



muito feliz por ter encontrado pessoas que cuidaram tão bem dele. Foi com um de seus pais de criação que aprendeu a navegar, guardou esses ensinamentos para repassar aos filhos e netos, como fez até então.

O saber-fazer do ofício de barqueiro foi passando do seu Raimundo para o seu neto Fábio, tornando Mestre para a futura geração, um dos motivos dos barqueiros atuantes referenciá-lo como forma de respeito e conhecido para a profissão, enquanto alguns não pretendem passar para os filhos como profissão, mas como Hobby em temporada de férias. O risco que essa prática corre é de não ter interessados que queiram trabalhar na profissão futuramente e o medo dessas práticas estarem apenas em escritos como este.

Seu Mestrin conta que eram tempos violentos, não se podia sair nas ruas falando qualquer coisa, tinha que ter cuidado e ser esperto para manter-se vivo, assim, ele presenciou muitas mortes, estas com uma frieza enorme “eles matava e saia lambendo a faca”, e me aconselhou, a saber, “falar no momento certo e sempre ser educada e simpática com os outros”. Lembrou-se também que quando ficava no cais, os passageiros escolhiam ele pela sua alegria –“quero ir como Mestrin”. Então, pergunto se ele tinha algum tipo de estudo, disse que não, pois precisava trabalhar para a sua sobrevivência, mas queria muito ter estudado, pois seria “um negro professor muito bom e ensinaria muito bem” - relatou isso passando suas mãos em seus braços. Disse a ele que ele era sim um professor e que a história de sua vida é uma lição. Conta ele, que aconselhava as pessoas a como lidar com a vida, pois ele presenciou muitas tragédias por escolhas erradas, mas que essa geração de agora não quer escutar os conselhos dos mais velhos, pois, com essa tecnologia, tudo é rápido na comunicação que antes se dava através de cartas ou pessoalmente. Vi em seus olhos, o anseio pelos estudos e ele, então, disse: “agora temos muitas escolas, faculdades e as pessoas têm que estudar mesmo, eu carreguei muitas pessoas que se tornaram médicos e professores, que estudavam em Carolina-MA”.

Depois que tomamos café, o almoço foi oferecido e tive a oportunidade de tirar uma foto do seu Mestrin com a filha Marilam de 57 anos (Figura 17). Durante a conversa foi lembrado da enchente que ocorreu na década de 1980, quando tiveram de sair de sua casa feita de taipa que se desmanchou com a forte presença da água, acrescentam mais “amarramos o barco na janela da casa” e ressaltam que com a urbanização e modernização mudaram as coisas. Não ocorrem mais enchentes, não precisam mais sair de casa, e vivem uma vida tranquila, vida esta que os seus amigos já falecidos não tiveram o privilégio de viver, recordou seu Raimundo. Casado com a dona Tereza, uma pessoa extrovertida que, depois de muita luta, hoje consegue viajar para vários lugares dentro e fora do Brasil.

Figura 17 - Seu Raimundo “Mestrin”, sua filha e neto



Foto: Rafaela Coutinho, 2019.

Ouvir o Seu Ramundo Mestrin e Dona Tereza (Figura 18) sobre as contribuições culturais, econômicas e sociais para a cidade de Tocantinópolis, é entender que mesmo com o passar dos anos, e algumas lembranças não aparecerem por completo, a necessidade de escrever sobre as práticas desse grupo deve-se, sobretudo, ao compromisso em deixar escrito que estes personagens sem destaque em escritos oficiais locais, foram os desbravadores da região, a única maneira de acesso à cidade e a grande comercialização da região se davam por transportes fluviais, os barcos.

Figura 18 - Seu Raimundo e Dona Tereza



Foto: Rafaela Coutinho, 2019.

As artes e ofícios têm um papel muito importante na afirmação das identidades locais, mantendo e preservando um vasto espólio de memórias e patrimônio etnográfico e dando a conhecer, assim, a realidade social, cultural e econômica (FERNANDES, 2010 apud SOUZA; MATOS; SOBRINHO, 2018, p.60).

Ser barqueiro ou ex-barqueiro e conhecedor da profissão afirma a identidade que os interlocutores possuem e se identificam, independente em qual contexto a cidade esteja passando; social, econômico ou cultural. Os interlocutores da pesquisa, escolheram o ofício de barqueiro, alguns deixaram a profissão a exemplo do seu Mestrin por questão da idade, mas não deixou o conhecimento de lado e tem o prazer de falar da profissão.

Quanto à entrevista com seu Raimundo, Saraiva (2008, p. 34) vai afirmar em uma análise da memória:

Ao analisar a memória do passado é reviver os acontecimentos. Lidando com as várias emoções das pessoas que vivenciaram os fatos, estas emoções podem ser traumas, saudades, alegria ou tristeza. No entanto, é necessário passar por este processo para preservar a memória coletiva dos fatos. Estes relatos com ares de saudosismo dos tempos vividos, são traços que estão presentes nas memórias dos sujeitos dessa história. O retorno a esses tempos são de fundamental importância para a pesquisa.

No momento do resgate memorial de quando o seu Raimundo era barqueiro, é necessário ter cautela, devido a quantidade de tempo depois dos acontecimentos, podem ficar lacunas que com o passar dos dias ele possa lembrar ou não. No entanto, as informações transcritas oralmente na entrevista são detalhadas, saudosamente lembra dos companheiros de profissão da época, das conversas, um rememoração que causa alegria e quando lembra da violência na cidade causa tristeza, a memória permite o acesso a várias emoções do indivíduo.

A Constituição Federal de 1988, no Art. 216, define o conceito de cultura como sendo todas as ações pelas quais os povos podem expressar-se como “formas de criar, fazer e viver”. Brayner (2007), afirma que a cultura engloba linguagens em que as pessoas se comunicam, por meio de histórias, poemas, maneiras como constroem casas, fazem rezas e festas, uma visão de mundo a partir de suas crenças e práticas.

Cuche (2022), afirma que o conceito de cultura está associado com o conceito de identidade, porém não podem ser confundidos, uma vez que a cultura pode existir sem a consciência de identidade e estratégias da identidade podem modificar uma cultura. A identidade permite ao indivíduo localizar-se socialmente, assim, um grupo possui identidade com definições para participar do conjunto social (2002, p. 176).

A identidade das pessoas constrói a partir das relações com diferentes grupos, diferentes contextos e situações (BRAYNER, 2007, p. 06).

A identidade de uma pessoa é formada com base em muitos fatores. sua história de vida, a história de sua família, o lugar de onde veio e onde mora, o jeito como cria seus filhos, fala e se expressa, enfim, tudo aquilo que a torna única e diferente das demais (BRAYNER, 2007, p. 06).

Portanto, para falar de identidade cultural é preciso abordar dos conceitos de cultura e memória, um grupo compartilha memórias em comum, seja pelo passado ou organização social do próprio grupo, a partilha de vários traços comuns permite essa identidade.

Quando alguém é identificado como Maranhense, por exemplo, o que marca sua identidade são características regionais, como: o sotaque, a forma de narrar histórias, as gírias presente no dia a dia, a maneira de cozinhar, são todos os traços específicos das pessoas que moram no Maranhão. No Brasil são 27 unidades federativas com diferentes formas de falar, de



fazer e de saber. É uma diversidade de costumes que percebemos, aprendemos e valorizamos enquanto identidade. Existem outros grupos de barqueiros, em outras regiões do Brasil e em diversos outros lugares do mundo, existem semelhanças, mas as especificidades de cada grupo torna único e possível a mudança, a dinamização acontece em diversos grupos da sociedade. Assim, como a logística de trabalho dinamizou, podem ser modificadas futuramente, vai depender da realidade de cada contexto e de cada tempo.

Assim como a economia, o comércio e serviços dependiam do transporte fluvial por meio de barcos a motor e barcos mais simples, como as canoa e as jangadas, estes últimos, feitos de madeiras da região, como escreveu Bandeira (2008, p. 38): “os barcos eram construídos por carpinteiros em estaleiros artesanais – um trabalho manual, com madeira apropriada, regional da Amazônia. A técnica remanescia dos antepassados dos portugueses da idade média”.

Em contato com meus interlocutores em campo, percebe-se que quando tratamos da fabricação/construção dos barcos, os barqueiros não possuem por completo a técnica de construir barco, porém conhecem o processo de montagem a partir da “casca”, esse é nome dado para parte de baixo do barco, a que fica em contato diretamente com a água, materiais que vêm das fábricas de São Paulo ou de Imperatriz-Maranhão. Na parte superior da embarcação a escolha fica a critério do barqueiro procurar um serralheiro e pintor para fazer as armações de ferro e as pinturas.

A lembrança de como os barcos eram estruturados fisicamente são referências que ficam na memória do grupo de barqueiros em que estamos pesquisando. São patrimônios que acompanham as trajetórias de vida, considerando as datas importantes, as paisagens e tradições destes, formando assim parte da sua memória coletiva (POLLACK, 1992).

A memória num primeiro momento pode ser vista como algo que fica preso no passado, na lembrança parada no tempo, porém entendemos em uma análise mais detalhada que a memória assim como a cultura é dinâmica, fazendo conexão entre as três dimensões do tempo: passado, presente e futuro. Por isso, o envolvimento de aspectos simbólicos na memória cultural faz parte da abordagem desse caráter dinâmico na construção de identidade (DOURADO, 2016).

### **Memórias da Boa Vista**

Andando na beira rio  
 Procurando pedra branca  
 Jogando pedra na água  
 Olhando pra Ilha da Santa  
 Admirando as voadeira  
 Passando perto da beira  
 Bem próximo das barranca

Em quase toda cidade  
 Uma ladeira gigante  
 Sempre ancorado na rampa  
 O famoso flutuante  
 Na época da Karverna  
 Uma boate moderna  
 No meu tempo de infante

Autor: Giano Guimarães<sup>4</sup>

A poesia de Giano, um escritor local traz uma descrição por meio da memória do autor sobre a antiga Boa Vista, atual Tocantinópolis, em seu tempo de infância andando na beira rio, cenário deste trabalho e, saudosamente, descrevendo os detalhes da paisagem. Em busca de escritores locais, encontro Giano através da poesia, da memória e da relação do passado com o presente. Entende-se que a memória é importante para a sociedade, olhando e analisando a poesia percebe-se a semelhança do passado do escritor Giano com a oralidade presente no grupo dos barqueiros. A mesma descrição do local como ladeira gigante, Ilha da Santa, são informações possíveis de observar na Figura 6 e 34. Já a boate moderna chamada de Karverna, não existe mais ao redor da beira rio. São essas informações transmitidas por meio da memória, por mais que tenham anos do acontecido, é que são herdadas do passado para gerações futuras.

---

<sup>4</sup> Giano Carlos dos Santos Guimarães, escritor regional, poeta e cordelista. Tem diversos cordéis escritos e dois livros de poesia publicados: Politiquices (2014) e No Bico do Papagaio (2016). Nasceu em Tocantinópolis-TO onde também reside na atualidade. É graduado em Geografia pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e servidor da Universidade Federal do Tocantins (GUIMARÃES, 2020).

A memória é, em parte, herdada, e não se refere apenas a vida física da pessoa [...] podem existir acontecimentos regionais que traumatizam tanto, marcam tanto uma região ou um grupo [...]. Que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação. Afirma que a memória também sofre flutuações em função do momento em que ela é articulada, em que ela está expressa. (POLLACK, 1992, p. 201 e 203).

Bosi (2012) considera a memória dos velhos importante e quando começamos a analisar que na juventude os mesmos eram membros ativos da sociedade, a memória é significativa. No entanto, esses velhos saíram do grupo social atuante para uma nova função dentro da sociedade, que é: contar e lembrar das experiências de quando eram jovens e o que elas podem ensinar para os jovens.

A memória pode percorrer um longo caminho de volta, remando contra a corrente do tempo. Ela corre o perigo de se desviar quando encontra obstáculos, correntes que se cruzam no percurso. São as mudanças, os deslocamentos dos grupos, a perda de um meio estável em que as lembranças pudessem ser retomadas sempre pelos que as viveram. As transformações profundas por que passa a família, a perda e a chegada de novos membros são pontos de partida. Atrás deles os caminhos se perdem, descontínuos, apagados. (BOSI, 2012, p. 420)

A família, é grupo onde a memória em forma de lembranças são apresentadas na roda familiar ou em um almoço reunido, em que são contadas histórias que lembranças servem de conselhos para os novos membros da família.

Durante as entrevistas com os barqueiros, vários citaram o nome do Sr. Demétrio, o único da região que trabalhou na fabricação dos barcos. Com calma e timidez, o Sr. Demétrio relata a experiência de quando fazia barcos na orla de Tocantinópolis, assim como as dificuldades do saber fazer barcos e da paixão pelos transportes fluviais, também relembra carinhosamente dos companheiros, *in memoriam*, que faziam parte do grupo, e ressalta que, da sua época, estou ficou apenas ele ofício de fabricação de barcos, pois da época, a demanda de barcos é baixa, devido à duração e manutenção do objeto.

Em relação à fabricação do barco e a partir destas memórias podemos compreender como as embarcações eram: um local coberto, com bancos, buscando um conforto para os passageiros, pensando nas viagens longas antes das rodovias.

A prática iniciava com a separação das madeiras adequadas, de maneira manual as madeiras vão tomando formas para o encaixe uma na outra, fechando por completo a embarcação e o processo de construção era feito na margem do Rio para facilitar a entrada nas águas. Dormia-se no barco na última etapa para não deixar a água afundar a embarcação e o transporte era entregue no ponto de manusear fazia todo processo de construção do barco de madeira. Quanto à estrutura da embarcação, os materiais eram trazidos diretamente de

Imperatriz e necessitava-se de uma serralheria para realização do processo de construção, um trabalho também feito pelos Sr. Demétrio.

Neste contexto à construção das embarcações tem relação com o meio ambiente de maneira prática Saraiva (2018, p. 40) vai descrever em sua pesquisa feita com canoeiros do rio Itacaiúnas no Pará, no município Água Azul do Norte e deságua no rio Tocantins:

Era retirada da própria natureza a madeira para construção das embarcações, ressaltando que não era qualquer árvore que servia para tal função. Porém não era difícil reconhecer o frondoso cedro em meio a mata já que seu aspecto físico se destaca entre as demais árvores por possuir madeira uniforme, lisa e lustrosa, chegando a medir 30 metros de comprimento. Não sendo menos importantes a maçaranduba, também usada para mesma finalidade chegava a medir 10 a 20 metros de altura com tronco de 40 a 60 cm de diâmetro e folhas esparsas que mede cerca de 12-15 cm de comprimento com 6-8 cm de largura. O pequiheiro é uma árvore de copa frondosa que pode chegar a 12 metros de altura. Suas folhas são grandes, cada uma composta por três grandes folíolos, cobertos por uma penugem e com as pontas entrecortadas. (SARAIVA, 2018, p. 41)

Saraiva, trás detalhes das madeiras usadas e dos tamanhos ideais, por ser próxima da região acreditamos que o Sr. Demétrio usava nas construções o mesmo tipo de madeira ou semelhante, de acordo com que nos contou durante a entrevista.

A importância da oralidade na pesquisa e o resgate memorial são componentes para a obtenção de dados.

A força da história oral, todos sabemos, é dar voz àqueles que normalmente não a têm. Os esquecidos, os excluídos ou, retomando a bela expressão de um pioneiro da história oral, Nuno Revelli, “os derrotados”. Que ela continue a fazê-lo amplamente, mostrando que cada indivíduo é ator da história. (JOUTARD, 2000, p. 33).

A oralidade permite ter a memória que a escrita não é capaz, não diminuindo nenhuma técnica de pesquisa ou escrita, pois cada uma possui sua especificidade, mas compreendendo que a partir da oralidade podemos obter informações que não estão escritas em documentos, e a partir da oralidade escrever documentos, são complementos e não divergências.

Não se pode esquecer que, mesmo no caso daqueles que dominam perfeitamente a escrita e nos deixam memórias ou cartas, o oral nos revela o “indescritível”, toda uma série de realidades que raramente aparecem nos documentos escritos, seja porque são consideradas “muito insignificantes” é o mundo da cotidianidade - ou inconfessáveis, ou porque são impossíveis de transmitir pela escrita. (JOUTARD, 2000, p. 33).

Joutard, (2000, p. 34) afirma:

É através do oral que se pode apreender com mais clareza as verdadeiras razões de uma decisão; que se descobre o valor de malhas tão eficientes quanto as estruturas oficialmente reconhecidas e visíveis; que se penetra no mundo do imaginário e do simbólico, que é tanto motor e criador da história quanto o universo racional.

A importância da oralidade na pesquisa e o resgate memorial são componentes para a obtenção de dados. Da parte do Sr. Demétrio houve um esforço maior no resgate memorial,

pois, apesar das recordações serem importantes e inesquecíveis, com o passar do tempo, algumas informações são perdidas, como ele próprio relata.

Com a colocação do Sr. Demétrio é possível fazer uma alusão ao que Pollack fala sobre a memória.

A memória é, em parte, herdada, e não se refere apenas a vida física da pessoa [...] podem existir acontecimentos regionais que traumatizam tanto, marcam tanto uma região ou um grupo [...]. Que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação. Afirma que a memória também sofre flutuações em função do momento em que ela é articulada, em que ela está expressa. (POLLACK, 1992, p. 201 e 203).

Quanto à passagem dos saberes e fazeres para os filhos e netos do Sr. Demétrio disse o seguinte. “Ninguém quer, ninguém quis, nenhum deles trabalhar comigo, quis outros serviços, barco sempre foi mais pouco serviços, menos gente interessa por embarcações [...]”

Com isso, entende-se que o ser humano através da linguagem consegue transmitir a sua cultura para novas gerações. Partindo desse pressuposto é nas trocas que conseguimos perceber que os saberes e os fazeres são parte do patrimônio cultural imaterial do lugar e suas especificidades podem ser repassadas em forma de conhecimento através da oralidade e da observação.

A memória torna o passado significativo, o mantém vivo e o torna uma parte essencial da orientação cultural da vida presente. Essa orientação inclui uma perspectiva futura e uma direção que molde todas as atividades e sofrimentos humanos. A história é uma forma elaborada de memória, ela vai além dos limites de uma vida individual. Ela trama as peças do passado rememorado em uma unidade temporal aberta para o futuro, oferecendo às pessoas uma interpretação da mudança temporal. Elas precisam dessa interpretação para ajustar os movimentos temporais de suas próprias vidas. (JORN RUSEN, 2009 apud SARAIVA, 2018, p 12).

Não são apenas os registros fotográficos que possuem significação para a vida das pessoas, a memória também possui elementos dignos de se manter vivo, oralmente e a escrita são importante para a história contada, temporal e atemporal.

Os saberes dos barqueiros resultam da identidade cultural do grupo. Esse contato com o Rio Tocantins e a população expressa suas práticas culturais. Eles trabalham com o que gostam, têm uma relação com ambiente e com os usuários do transporte, a população da região, promovem brincadeiras com a clientela e os companheiros de profissão, tornando o ambiente agradável, pois são momentos de reencontros, compartilhamento de memória e alegria das pessoas que de alguma forma precisou das travessias entre Porto Franco-MA e Tocantinópolis-TO. As entrevistas também servem como reflexão para os sujeitos sobre qual espaço na construção da cidade e na vida da população eles querem ter.

## 2.5 Nomenclaturas

O registro do nome da embarcação, a sua nomenclatura, é feito registrado na Marinha do Brasil, o órgão responsável pelo registro e pela emissão da carteira de habilitação para conduzir embarcações. Para participar do grupo de barqueiros é necessária a licença para manusear barcos, tendo a mesma o prazo de vencimento entre 4 a 5 anos, de modo que, quando acontece fiscalização na região, quem não tiver em dia com a carteira, tem o documento suspenso. Na maioria dos casos, as carteiras são tiradas nas cidades de Imperatriz, Carolina-Maranhão e Palmas-Tocantins, sendo quatro dias de treinamento e avaliação para obter a orientação (informação obtida durante a entrevista concedida pelo barqueiro Sancley, em 03.03.2022) (Figura 19).

Figura 19 - Sancley, barqueiro



Foto: Rafaela Coutinho, 2022

Quanto à escolha do nome do barco, o barqueiro escolhe, na maioria dos casos, o nome de um dos filhos (SOUSA, 2021). Quanto ao nome do barco, a embarcação em que o Bruno é responsável, tem nomenclatura a “Lucas”, que é o nome do filho do dono do barco, assim não tem um significado especial para ele, mas sim para o proprietário.

O barqueiro Pinhé, na nomenclatura de sua embarcação, faz uma associação com o falcão que, por ser uma das águias mais poderosas, fez com que ele desse o nome de “águia 05” para o seu barco. Ao informar o significado do nome, respondeu com os seguintes argumentos: “águia é uma ave de força e de determinação, símbolo dos Estados Unidos, 05 é a ordem de registro junto ao órgão de registro de barcos, a ANTAQ, pois, foi assim que comecei, com coragem e muita determinação nesta profissão de barqueiro”.

O Sr. Olavo, o padraço de Pedro Henrique, conta o porquê do nome do barco ser “Cafunfá”, que reside no fato de ele ter sido um torcedor do time antigo da cidade chamado “Cafunfá”, e barqueiro ainda brinca com um lema – cachaça, farra e fumo. Seu Olavo se denomina "barqueiro" e diz se orgulhar de ser assim chamado. Sobre o nome do barco ele diz que o mesmo chama atenção dos turistas, por ser um nome diferente e com sarcasmo fala que “Lucas e Bruno” são nomes comuns, assim o que chama atenção é algo diferente, seguindo, faz referência aos meus cabelos crespos.

### 3 PRÁTICAS CULTURAIS NO BICO DO PAPAGAIO – TOCANTINS

#### 3.1 Procissão da Nossa Senhora da Consolação

Kroeber<sup>5</sup>, afirma que para aplicar o conceito de cultura é necessário alguns pontos, um deles é afirmar que a cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo (LARAIA, 2003). Para ratificar este argumento Laraia escreveu o seguinte:

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade (LARAIA, 2003, p. 49).

A participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada; nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura. Este fato é tão verdadeiro nas sociedades complexas com um alto grau de especialização, quanto nas simples, onde a especialização refere-se apenas às determinadas pelas diferenças de sexo e de idade (LARAIA, 2003, p. 79).

Cultura e identidade são conceitos caros às Ciências Sociais, entendê-los é necessário para compreender o grupo de barqueiros pesquisado, perpassando as questões sociais e políticas. Quanto à noção de cultura nas ciências sociais, Cuche (2002, p. 09) afirma que a noção de cultura é inerente à reflexão das Ciências Sociais. Ela é necessária, de certa maneira, para pensar a unidade da humanidade na diversidade além dos termos biológicos fornecendo respostas satisfatórias sobre a diferença entre os povos. Os conceitos de cultura e identidade remetem a mesma realidade, são ligadas por meio da autonomia cultural e a preservação da identidade coletiva. (CUCHE, 2022, p. 14)

Durante a historicidade dos barqueiros, ocorreu a passagem de tradição de geração em geração até mesmo para pessoas fora do ciclo familiar, mas que mantinham contato com barqueiros de alguma maneira.

É um evento partilhado como o festejo religioso da santa padroeira da cidade, realizado no meio do mês de agosto, em honra a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, que foi trazida do Rio de Janeiro. Assim, sempre ao final do festejo, a comunidade devota saía em

---

<sup>5</sup> Alfred Louis Kroeber (1876-1960) em seu artigo intitulado, “O Superorgânico” (1917), trás a discussão que visa elucidar a diferença que separa o orgânico e o cultural. Neste artigo Kroeber apresenta a natureza da cultura, que segundo ele é a atividade humana que transcende o plano orgânico. Assim a cultura é o que o homem acrescenta à Natureza, em virtude da sua própria atividade criadora, ou seja, é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores, enquanto o orgânico seria o que está aí, sem qualquer intervenção prévia do homem. Disponível em: <https://pequenaantropologa.blogspot.com/2011/06/o-superorganico.html>. Acesso em: 04 set 2022.



embarcações enfeitadas até a Ilha da Santa para realizar as celebrações e o recebimento de bênçãos aos barcos e barqueiros.

Essa comemoração era marcada por um dia inteiro de festa. Começava às 07h30 com o deslocamento da comunidade por meio de transporte fluvial gratuito neste dia, da beira rio até a Ilha da Santa, que ao chegar participava da missa, na sequência, era servido um abundante café da manhã, disponibilizado pela gestão municipal, as pessoas cantavam, dançavam e soltavam foguetes, incluindo o banho de praia no qual aproveitavam o resto do dia. Logo, quando chegava a noite, a imagem era levada para a Igreja Matriz, onde todos se reuniam para a última reza do dia.

Vanderlan dos Santos, barqueiro entrevistado, ao se lembrar das festividades do dia dos Barcos e Barqueiros, relata um pouco sobre a interrupção dessa celebração, causada por um acidente entre dois barcos levando a óbito algumas vítimas. Passados vários anos sem a procissão, ele resolveu então, buscar o resgate da fé e tradição da cidade e fomentar a alegria e o orgulho dos barqueiros. Logo, foi ao prédio da Prefeitura e reivindicou a volta da cultura a qual era pertencente juntamente com os demais colegas de profissão.

Construída na religiosidade cristã e tendo sua história iniciada há quase 200 anos, Tocantinópolis traz em sua essência uma fé enigmática e a Prefeitura pretende trazer de volta essa cultura que em meio aos momentos adversos foram sendo esquecidos ou mesmo deixados de lado pela comunidade. (Dirceu Leno, Folha do Bico, 2017).

Assim, após 53 anos, são retomadas em 2017 as festividades e celebrações, com a ajuda financeira dos barqueiros, repassadas à Igreja Matriz para a realização do evento e a prefeitura municipal também retoma o seu lugar na comemoração.

O prefeito Paulo Gomes acompanhou o trajeto e enalteceu a festa religiosa como um dos eventos importantes realizados na cidade, tendo em vista se tratar do resgate da cultura local. “Foi uma grande demonstração de fé e resgate da cultura religiosa de nosso município”. “Pelo segundo ano consecutivo tivemos a grata satisfação de realizar esse momento, o qual foi realizado por nossos antepassados e que hoje, certamente, estamos rememorando essa tradição”, disse o prefeito (Folha do Bico 2017).

No dia 15 de Agosto de 2022, realizamos uma observação direta participando da Procissão da Nossa Senhora dos Navegantes, no intuito de descrevê-la a partir dos eventos presenciados e das falas dos interlocutores sobre a celebração no festival religioso, percebe-se a continuidade e reavivamento da tradição religiosa, como prática cultural dos barqueiros.

O dia amanheceu às 6 horas, os foguetes estouraram e o sino da Catedral Nossa Senhora da Consolação tocou (Figura 20).

Figura 20 - Nascer do Sol na Orla



Foto: Rafaela Coutinho, 2022.

Por ser temporada de veraneio e férias, fiéis da cidade e visitantes saem da Catedral a caminho do Cais, com cantorias religiosas e balões nas cores branca, azul e amarela (Figura 21).

Figura 21 - A caminho do Cais



Foto: Rafaela Coutinho, 2022.

Vemos o encontro dos fiéis com os barcos decorados de balões e divisão das pessoas entre os barcos e a balsa pequena que também é cedida para essa celebração (Figura 22).

Figura 22 - Chegada na Cais



Foto: Rafaela Coutinho, 2022.

Os Padres e demais participantes da organização da Igreja vão no mesmo barco com a Santa (Figura 23).

Figura 23 - Autoridades religiosas

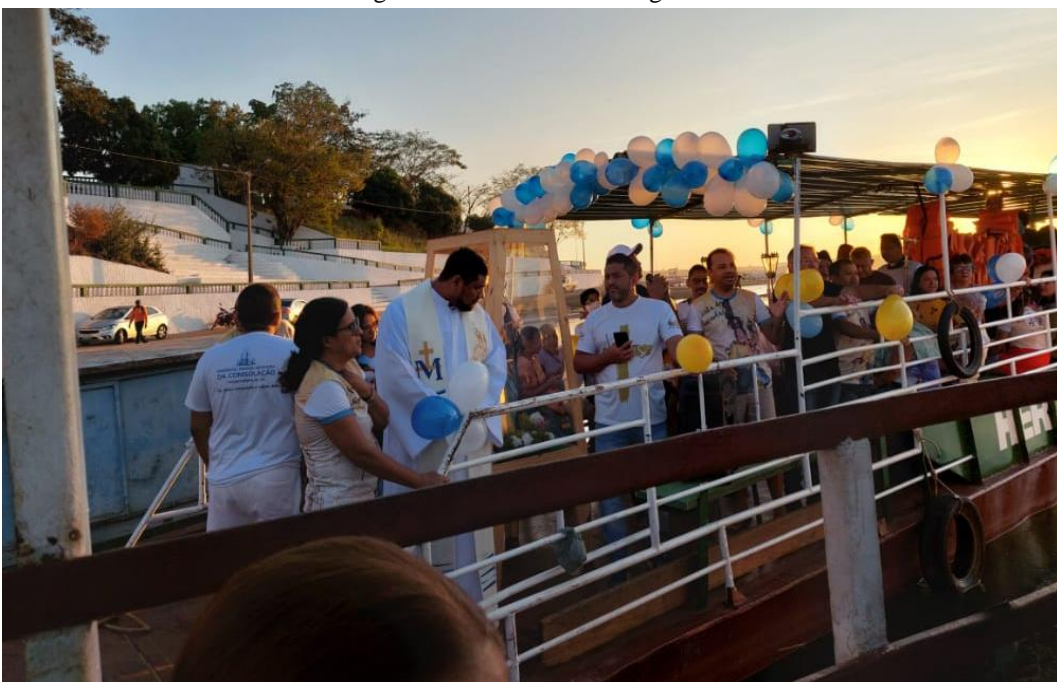


Foto: Rafaela Coutinho, 2022.



Em meio a cantorias, os barcos fazem um trajeto pelo Rio em formato de círculo para chegar na Ilha da Santa, é possível observar salva-vidas e profissionais do SAMU presentes durante a procissão (Figura 24).

Figura 24 - Saída dos barcos



Foto: Rafaela Coutinho, 2022.

Outro momento importante é quando os fiéis chegam na Ilha, e todos os barqueiros e ex-barqueiros fazem questão de participar (Figura 25).

Figura 25 - Chegada na praia da Santa



Foto: Rafaela Coutinho, 2022.

No momento da missa, neste ano foi feita uma pequena reflexão (Figura 26) e entoados cânticos sobre o encontro da Santa da Consolação com a Santa dos Navegantes, em que um dos fiéis da liderança da missa fala “reflexão sobre o encontro, temos que sair do comodismo, ter uma vida dinâmica, encontro com Deus, com nossa vida, encontro comigo mesmo, como todo rio se encontra com o mar”.

Figura 26 - Momento de reflexão



Foto: Rafaela Coutinho, 2022.

Durante a missa, o padre aspergiu água benta para a purificação dos fiéis (Figura 27).

Figura 27 - Purificação



Foto: Rafaela Coutinho, 2022.



A imagem abaixo, retrata o momento do agradecimento a Nossa Senhora dos Navegantes, com oração (Figura 28).

Figura 28 - Devoção



Foto: Rafaela Coutinho, 2022.

Logo em seguida foi servido um café da manhã com bolos tradicionais da região, um momento propício para socialização entre os participantes (Figura 29).

Figura 29 - Café da Manhã



Foto: Rafaela Coutinho, 2022.

Encontrei um grupo de barqueiros conversando (Figura 30) e eles fizeram uma referência a mim como sendo a repórter dos barqueiros, em função da pesquisa feita durante esse período. Algumas informações obtive no momento em que eu estava como usuária do transporte, no entanto, ouvir e observar acontecem quando menos se planeja.

Figura 30 - Barqueiros em grupo



Foto: Rafaela Coutinho, 2022.

Mazim (Figura 12) foi um dos interlocutores da pesquisa, e durante o trabalho de campo sempre estava disponível para fotos, no dia da procissão ele pediu para tirar várias fotos para que eu mandasse via Whatsapp. Nesse momento, em que encontro o grupo de barqueiros conversando e lanchando, Mazim pediu uma foto com todos os presentes e, com alguns desses barqueiros, tive contato apenas nesse dia. São ex-barqueiros que vão especificamente para a procissão e para a temporada de férias que acontece no mês de julho. Com risadas e brincadeiras internas posaram para foto.

Todo trajeto é feito de volta a Orla e em uma sincronia belíssima os barcos se alinham no balançar das águas do Rio Tocantins (Figura 31).



Figura 31 - Barcos em fileira



Foto: Rafaela Coutinho, 2022.

Pude registrar o momento da descida da Santa na Orla (Figura 32), em seguida o caminho de volta a Igreja é feito a pé (Figura 33).

Figura 32 - Volta da Santa para a Igreja



Foto: Rafaela Coutinho, 2022.



Figura 33 - Crianças com itens devocionais



Foto: Rafaela Coutinho, 2022.

O retorno da Santa Nossa Senhora da Consolação à igreja é marcado por um cortejo, e um dos fiéis chega a falar “se foi buscar tem que devolver” (Figura 34).

Figura 34 - Chegada à Igreja



Foto: Rafaela Coutinho, 2022.

O momento da despedida da Santa dentro da Igreja, é marcado pelo toque do sino e o aviso para a Missa que ocorrerá a noite é feito (Figura 35).

Figura 35 - Despedida da Santa



Foto: Rafaela Coutinho, 2022.

### 3.2 Águas do Rio Tocantins

As águas do Rio Tocantins passam por dois momentos durante o ano, o de cheia e o de seca. Entre os meses de Dezembro à Fevereiro a temporada é de cheia na região do Bico do Papagaio. Em pesquisas bibliográficas e nas entrevistas com os interlocutores a cheia de 1980 é lembrada, pois foi a maior cheia até então. O nível do Rio se altera rapidamente quando as comportas da Usina Hidrelétrica de Estreito são abertas. Em 2022 as águas aumentaram além do comum (Figura 36), levando aos moradores das cidades de Tocantinópolis e Porto Franco a visitar a Orla de ambas cidades para acompanhar o nível da água. Moradores afirmam nas redes sociais da população que a presente cheia seria a segunda maior ocorrida na região.



Quanto aos barqueiros que enfrentaram o período pandêmico (2020-2021) trabalhando, foram um dos grupos de pessoas que não tiveram a possibilidade de ficar em casa durante a pandemia. Seguindo os cuidados necessários continuaram no trabalho, porém com o número de clientes reduzido, obtendo o pagamento do trabalho para cada dia, ainda enfrentaram uma cheia no Rio, conseqüentemente os passageiros diminuíram a frequência de travessias. Na primeira situação as escolas e universidade, entre outras instituições e estabelecimentos comerciais, foram fechadas para a diminuição do contágio do vírus. Na segunda situação a cheia causa medo nos passageiros, inclinado-os à preferência pela travessia na balsa. Os barqueiros tiveram um desfalque financeiro significativo durante este período de cheia.

Figura 36 - Cheia de 2022



Foto: Rafaela Coutinho, 2022

Em contrapartida, nos meses de Junho, Julho e Agosto ocorre o período de veraneio (Figura 37), atraindo turistas da região a se deliciar nas águas do Rio Tocantins, nas praias da Santa ou praia do meio, como é popularmente conhecida, além da outra praia de Caras. Nos

outros meses do ano, em que não há nem cheia e nem estiagem, o fluxo de clientes é padrão, estudantes e servidores públicos e o nível do Rio fica mediano.

Nesse período os barqueiros lotam os barcos com facilidade e o valor da passagem tem um aumento, tornando o período mais favorável aos barqueiros. Teve-se que mudar o ritmo da vida, desacelerando um pouco diante da pandemia da Covid-19. É importante entender como os barqueiros passaram por este momento, pois sabemos que eles dependem da locomoção de pessoas para obter rendimento financeiro.

A pandemia em âmbito geral não foi um momento positivo da história mundial, no entanto, as memórias das pessoas que presenciaram os acontecimentos sociais e políticos frente a uma pandemia serão futuros interlocutores e do passado levarão respostas para futuras perguntas. Os barqueiros, diante da pandemia, continuaram trabalhando, com máscaras e álcool em gel disponível para os clientes e a lotação em menor quantidade. Em consequência o rendimento financeiro baixou e seguiram em um ritmo mais lento do que o comum, e é na temporada de praia que é compensado esse desfalque de renda. No entanto, são dificuldades vencidas mesmo diante do cenário sensível, já que desde o passado outras dificuldades com embarcações e trajetos foram vencidas e melhoradas (BOTELHO; SANTOS, 2013).

Figura 37 - Veraneio



Foto: Rafaela Coutinho, 2022.

Silva (2008, p. 142) confirmar a observação deste trabalho, quando afirma: A estiagem não permite apenas que a praia às margens do rio seja “desenhada”, mas quando o nível do Rio Tocantins fica abaixo em comparação com outras estações (Figura 39), surgem bancos de areias na superfície, formando pequenas ilhas (Figura 38). Nas figuras seguintes percebemos o nível das águas do Rio Tocantins mudar conforme cada estação, mas, independentemente da mudança no nível das águas, o trajeto percorrido pelos barqueiros é o mesmo.

Figura 38 – Praia da Santa na cheia



Foto: Rafaela Coutinho, 2022.

Figura 39 – Praia da Santa na estiagem

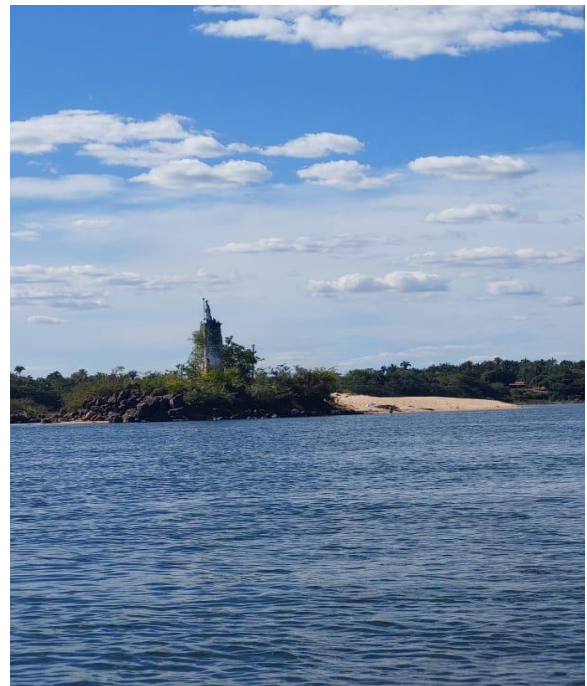


Foto: Rafaela Coutinho, 2022.

### 3.3 Reconhecimento cultural

Registrar e/ou tomar as práticas culturais e/ou objetos da nossa região é praticar preservação, reconhecimento e valorização da nossa cultura local. A representação da profissão dos barqueiros para a população da região é importantíssima, pois desde a fundação da cidade de Tocantinópolis, a única maneira de acesso à localidade outrora era por transportes fluviais, os barcos. Porém, a profissão não tem visibilidade na construção cultural da cidade e possuem rendimento financeiro baixo, motivo para que esses profissionais essenciais não queiram passar os saberes e fazeres de barqueiros para filhos e netos como profissão. A lida com os barcos é vista mais como um *hobby*, ou seja, os filhos dos barqueiros aprendem a prática de manusear o

barco, no entanto usam este conhecimento e suas práticas para ocupações pessoais e não como profissão, pois, na perspectiva dos barqueiros, para ascender financeiramente tem que procurar outra profissão.

A preservação da oralidade pode ser feita com esta escrita, tornando os interlocutores da pesquisa visíveis e destacados. No entanto, se faz necessário um reconhecimento do maior órgão de preservação o IPHAN, porém para chegar a ele, necessita da dedicação das autoridades municipais e estaduais para que ocorra esse reconhecimento cultural e a homenagem para os personagens passem a estar sempre presente na historicidade da cidade de Tocantinópolis. Haja vista que a cidade de Tocantinópolis não possui até o nosso conhecimento um órgão responsável pelo processo de reconhecimento dos patrimônios locais, quando a procissão da Nossa Senhora da Consolação junto a Santa dos Navegantes deixou de acontecer por anos, foi por meio das reivindicações do grupo de barqueiros com a Igreja Matriz junto a prefeitura municipal que fez a procissão voltar a acontecer.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O patrimônio material e imaterial são base para a compreensão da prática do trabalho dos barqueiros e conseqüentemente o processo de trocas de saberes e suas representações com o saber-fazer, tornando a identidade deste grupo perceptível. Essas trocas podem ocorrer no seio familiar, passada de avô para neto, de pai para filho, ou podem ser passadas para interessados que não fazem parte da família consanguínea, mas que tem despertado um interesse para a profissão de barqueiro.

As artes e ofícios têm um papel muito importante na afirmação das identidades locais, mantendo e preservando um vasto espólio de memórias e patrimônio etnográfico e dando a conhecer, assim, a realidade social, cultural e econômica (FERNANDES, 2010 apud SOUZA et al, 2018, p.61)

Esta pesquisa trata sobre as condições materiais e imateriais na produção dos saberes e fazeres dos barqueiros possibilitando a análise do processo de aprendizagem na compreensão dessa prática como fonte de renda, assim como a preservação do patrimônio cultural imaterial no município por meio da identidade, memória e oralidade. O patrimônio imaterial de Tocantinópolis no que diz respeito à memória e prática dos barqueiros necessita ter autonomia, ou seja, promover influência sobre a importância de ser barqueiro na e para a região.

A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade, mas também as oposições irredutíveis. Manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum, em que se inclui o território (no caso de Estados), eis as duas funções essenciais da memória comum. (POLLAK, 1989, p. 09).

Os saberes e fazeres dos barqueiros não foram ensinamentos adquiridos por normas ou documentos escritos e nem por “cartilhas ou manuais”, mas sim de uma maneira não formal, foi no olhar detalhado e curioso de cada interessado na prática de manusear, no ouvir de como fazer uma travessia segura, na atenção de pilotar um barco e conhecer o trajeto mais correto do rio, técnicas aprendidas no diálogo e na experiência de todo dia.

As trocas dos saberes e fazeres revelaram as dificuldades de repassar estes conhecimentos para as novas gerações, tendo em vista a baixa possibilidade de ascensão financeira dos barqueiros na sociedade e a dificuldade na fabricação dos barcos levando-se em consideração que o único profissional na área não poder mais trabalhar devido à idade avançada, somado à falta de aprendizes e interessados na profissão. Contamos com interessados, assim como era a maioria dos barqueiros, sem profissionais da área, mas com mestres que percebiam o interesse de aprender essa profissão essencial e que aos poucos vão se perdendo, com isso a modernização pode substituir esse transporte, por exemplo quando uma ponte for construída,



Waldemar Gomes Pereira em seu livro *Meu Pé de Tarumã Florido* (1997) disserta sobre esse processo de construção de uma ponte no trajeto Porto Franco - MA e Tocantinópolis - TO, em que foi realocada para a divisão da cidade de Estreito-MA para o estado do Tocantins cidade de Aguiarnópolis, depois de uma discussão política com o construtor da obra, pontes e usinas hidrelétricas contribuíram para a desvalorização dos barqueiros.

Outro elemento analisado foram as nomenclaturas dos barcos que são dadas pelos donos do transporte, e constatou-se que, geralmente, os barcos levam o nome do filho do barqueiro, como homenagem.

É perceptível que os saberes e fazeres dos nossos interlocutores têm uma identidade cultural, memorial e oral que excede a materialidade, reconhecendo todo o processo de aprendizagem desde o início quando da paixão pela profissão relembrando de seus mestres, pessoas que ensinaram as primeiras habilidades com os barcos.

Destaca-se a importância do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) órgão responsável pela preservação cultural, histórica e os objetos, ou seja, patrimônio imaterial e material, bem como estes termos usados para referenciar saberes culturais dos grupos sociais, ao mesmo tempo os objetos materiais, sejam artefatos ou uma construção histórica. É a conservação desses patrimônios que podemos enriquecer no campo de pesquisa e na diversidade cultural brasileira.

O Iphan zela pelo cumprimento dos marcos legais, efetivando a gestão do Patrimônio Cultural Brasileiro e dos bens reconhecidos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) como Patrimônio da Humanidade. Pioneiro na preservação do patrimônio na América Latina, o Instituto possui um vasto conhecimento acumulado ao longo de décadas e tornou-se referência para instituições assemelhadas de países de passado colonial, mantendo ativa cooperação internacional. (BRASIL. IPHAN, 2014)

Os barqueiros e sua profissão no contexto tocantinopolino, têm muito a dizer, diante de leituras e publicações em mídias sociais, especificamente o *Instagram* por ser uma das redes sociais mais usada atualmente, percebemos as publicações dos usuários da região e visitantes, que os barcos, assim como a Orla, são focos na maioria das imagens. Uma foto de um dos barcos na margem do Rio, são algumas das imagens que ficam na memória de todos que fazem esse percurso. A partir destas fotografias se entende que a população e usuários dos barcos, têm mais atenção para a paisagem e tudo que a compõe do que pelo sujeito barqueiro, o responsável pela direção da embarcação, que por muitas vezes são guias turísticos.

Kozinets (2014, p.14), “os netnógrafos dão grande significado ao fato de que as pessoas voltam-se às redes de computador para participar de fontes de cultura e obter um senso de comunidade.”. Os pesquisadores netnógrafos buscam através de redes de

computadores informações culturais dentro de comunidades virtuais, sendo possíveis análises científicas sobre o funcionamento e comportamentos destas comunidades virtuais.

Portanto, quando falamos dos barqueiros seus saberes e fazeres, percebemos como um grupo de pessoas com a mesma profissão é responsável por parte da construção da identidade cultural e histórica do local em que nasceu ou escolheu viver. Tocantinopolinos de berço ou acolhidos, eles em suas falas nas entrevistas demonstram o carinho pela profissão, cidade, população, beleza do lugar e tranquilidade de trabalhar em contato com as águas do Rio Tocantins. Na fala dos moradores da região, “quem bebe das águas do Tocantins sempre volta”, ou seja, a maneira como os barqueiros descrevem o espaço em que passam a maior parte do tempo, é como se fosse para eles uma segunda casa, onde são renovados e energizados no contato com a natureza.

Relembrando que antes todo tipo de acesso à cidade era apenas por transporte fluvial, que esses desbravadores são pouco percebidos nas escritas em documentos locais e passados pela população sem a devida importância, percebe-se que o objeto de trabalho (barcos), são mais percebidos, falados e fotografados do que os barqueiros/sujeitos, responsáveis pelo manuseio das embarcações.

Ressaltamos a importância de mostrar na universidade e para a população a participação dos barqueiros na construção da cidade de Tocantinópolis, até hoje em que as pessoas da região necessitam dos transportes fluviais e do conhecimento dos barqueiros com o Rio Tocantins (BALSAN; NASCIMENTO, 2020).

A falta de visibilidade quanto à profissão é um dos pontos que nos impulsiona a querer buscar o máximo de informações para levar à academia e à população da região mais visibilidade dos barqueiros, seus saberes e fazeres que contribuem para a riqueza cultural e histórica da localidade. Eles passaram despercebidos por muito tempo na história da cidade. Entendemos, que foi por meio das embarcações que chegaram na localidade e que viajaram corajosamente pelas águas do rio Tocantins que marcaram o passado, não apenas nos escritos locais que são poucos, conseqüentemente não são vistos, mesmo que alguns usuários achem que ser barqueiro na região Norte do Tocantins seja algo comum. Percebe essa invisibilidade atualmente, pois antes eles ocupavam um lugar de mais visibilidade, devido o principal meio de transporte de pessoas e mercadorias ser os barcos.

Os sujeitos/barqueiros continuam construindo historicamente o seu papel na vida da população. No entanto, compreende-se a necessidade da inclusão desses saberes no contexto atual e cotidiano da população Tocantinopolina e regional, ter uma boa relação com a população não supre e não garante a importância dos personagens principais desta pesquisa, assim como os saberes e fazeres específicos desse grupo que contribuem em diversas

vertentes para região do bico do Papagaio e estados vizinhos.

As narrativas a partir das falas dos interlocutores mostram a luta pela sobrevivência, como eles descrevem a renda é de cada dia, trabalham para colocar o chamado “pão de cada dia” em suas casas. E com luta vão conquistando itens materiais necessários para o deslocamento, mesmo com e pouco conforto na cidade pacata do extremo Norte do Tocantins.

Diante dessas barreiras e luta cotidiana os barqueiros conseguem construir sua importância na trajetória dos clientes, no sentido que a clientela usa o transporte para fins pessoais, como por exemplo, ir para faculdade, trabalho e entre outras questões. Reivindicações não são pontos encontrados nas falas dos entrevistados em campo, mas em arquivos sobre a temática em pesquisas anteriores (SOUSA, 2021), um dos barqueiros fala sobre procurar a prefeitura municipal e a igreja católica local para reivindicar a celebração da Santa Nossa Senhora dos Navegantes que ocorre no mês de agosto e, durante alguns anos ficou sem acontecer. A reivindicação foi atendida.

Nosso olhar de pesquisadora serve para fortalecer a profissão de barqueiros e perceber os barcos como patrimônio cultural material e imaterial, a parte tangível e a intangível deste trabalho, que por trás das nomenclaturas de cada barco existe um significado importante e uma história de vida. O que se procurava foi encontrado em cada arquivo lido e reforçado detalhadamente pelas vozes dos nossos interlocutores, os verdadeiros protagonistas e não menos importante na construção identitária da população tocantinopolina.

Contudo, ressaltamos a necessidade de visibilidade desses personagens e da profissão em documentos relacionados ao desenvolvimento da cidade, no âmbito econômico, político e principalmente cultural. No momento da coleta de dados houve dificuldade em encontrar documentos que contassem detalhadamente o papel dos barqueiros e sua importância, as menções aparecem brevemente em alguns escritos, como nos livros sobre a história local que citam os barqueiros e as embarcações.

Mostrar para a população que eles têm vozes, demandas, trabalho e contribuição importantíssima para a nossa geração e as futuras gerações, precisam ser destacados e reconhecidos pelos órgãos de preservação do Estado, pois é constituída por características materiais e imateriais. Sabemos da inovação do tema e finaliza-se com o desejo que esta temática seja mais explorada pelos pesquisadores e escritores da nossa região, pois é rica em conhecimento e história.

A história de vida foi a técnica para obtermos informações sobre o grupo estudado, ouvir a história de cada interlocutor e conhecer a participação individual e coletiva, conhecer a cidade na perspectiva deles. Por meio dessa técnica ouvimos os nossos interlocutores e acreditamos

que a partir da descrição da história de vida pela oralidade, eles apresentaram elementos importantes para a pesquisa, a história de vida, envolve memória e descrição de como chegaram a profissão, com o passar do tempo no manuseio dos barcos quais foram as mudanças na paisagem e na cultura local.

Como afirmaram Medeiros e Cormineiro (2016, p. 182):

Consideramos ser uma de nossas responsabilidades sociais enquanto pesquisadores inseridos numa dada região: revelar aspectos da história dessa região que raramente aparecem em outras narrativas historiadoras, ou, mesmo quando aparecem, não são o foco central das análises. Nesse sentido, procuramos aqui revelar elementos de cultura de sujeitos que nas interpretações de uma história tradicional são obscurecidos, tornados quase invisíveis na historiografia.

Ao término deste trabalho, conclui-se que o nosso objetivo principal foi fortalecer nossa visão sobre a profissão de barqueiros e a utilização dos barcos como patrimônio histórico cultural e imaterial. Quanto aos barcos, que possamos vê-los como bens culturais que fazem parte da vida de quase todos os habitantes da cidade, uma vez que, é um transporte que as pessoas usam para fazer seu trajeto para a cidade vizinha.

Acredita-se que a temática é pouco explorada pelos pesquisadores regionais, causando uma desvalorização dessas práticas e da profissão que muito auxiliou na criação, manutenção e desenvolvimento da cidade e região. Que seja este mais um ponto de partida para novas pesquisas na cidade de Tocantinópolis, no Norte do Tocantins, um lugar rico em memória e cheio de fé (Figura 40, 41, 42, 43) representado os barqueiros e a população do Bico do Papagaio, vários elementos culturais fazem parte desse lugar entre eles a fé e memória, em que refletem o passado e o presente .

Figura 40 –Fé



Foto: Rafaela Coutinho, 2022.

Figura 41 - Fé

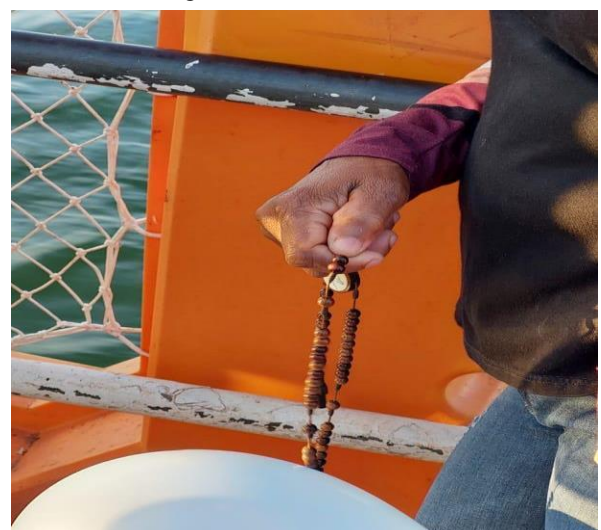


Foto: Rafaela Coutinho, 2022.

Figura 42 - Memória



Foto: Rafaela Coutinho, 2022.

43 - Memória

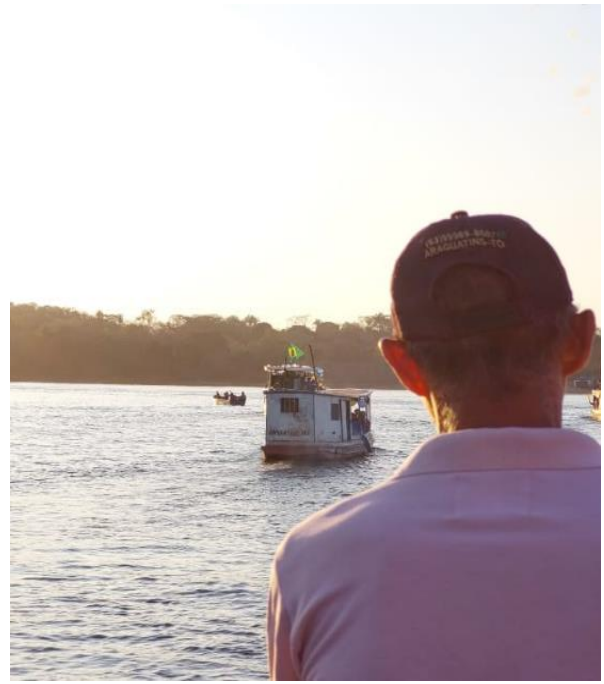
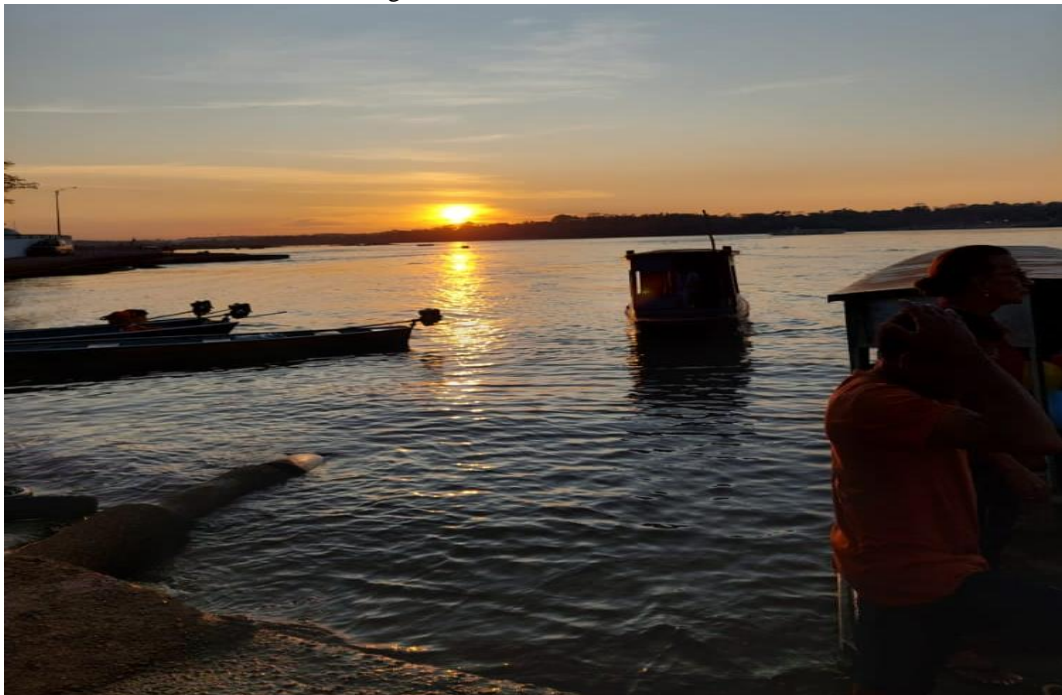


Foto: Rafaela Coutinho, 2022.

Que a cidade continue a construir-se dando espaços para grupos de profissionais como os barqueiros, estrangeiros e estrangeiras que contribuem para esta construção econômica e aprendizados sobre a identidade local e tudo proporcionado por ela, por meio da educação, trabalho e lazer .

Figura 44 - Pôr do Sol, travessia



Fonte: Rafaela Coutinho, 2022.

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, A. A. **O RETIRANTE**. Tocantinópolis: s/l., 2008.

BALSAN, Rosane; NASCIMENTO, Núbia. **Patrimônio cultural no Estado do Tocantins: materialidade e imaterialidade**. Palmas: EDUFT, 2020.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 15 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BOTELHO, Deíze Almeida; SANTOS FILHO, Alexandre da S. Arte relacional na Amazônia estudo sobre a ação barcor - estética Tocantina. **Revista Margens Interdisciplinar**, v. 9, n. 12, p.103-185, 2015.

**BR-010**. Disponível em: [www.elbando.com.br](http://www.elbando.com.br). Acesso em: 04 set. 2022.

BRASIL. IBGE. **Censo Brasileiro de 2020**. Tocantinópolis: IBGE, 2020.

BRASIL. IPHAN. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br> Acesso em: 23 jun. 2022

BRAYNER, Natália Guerra. **Patrimônio cultural imaterial: para saber mais**. Brasília: IPHAN, 2007.

BURGER, Ednéia Regina. VITURI, Renee Coura Ivo. Metodologia de pesquisa em ciências humanas e sociais. história de vida como estratégia e história oral como técnica – Algumas reflexões. In: XI encontro de pesquisadores do programa de pós-graduação em educação: Currículo, 2013, São Paulo, SP. **Currículo: tempos, espaços e contextos**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2013. p. 01-14.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil: 1988**. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2016.

CAVALCANTE, Ivana; KIMURA, Simone. “Mapeamento do Patrimônio Cultural do Estado do Tocantins.” In: **Vivências e Sentidos: o patrimônio cultural do Tocantins**. Goiânia: IPHAN/ 14ª Superintendência Regional, 2008, p. 91-159.

**Cidades de Porto Franco e Tocantinópolis são separadas pelo Rio Tocantins**. Disponível em: [www.ge.globo.com.br](http://www.ge.globo.com.br). Acesso em: 04 set 2022.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 1999.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

DIAS, Maisa Marinho. **Meu pé de Tarumã: Cultura e tradição local contadas através de imagens**. Tocantinópolis-TO. 2022. 100f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais), Universidade Federal do Tocantins - UFT, Tocantinópolis, 2022.

FERREIRA, Marieta de Moraes et al. **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz; Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 2000.

FOLHA DO BICO. **TOCANTINÓPOLIS: Procissão fluvial e missa marcam a volta das**



**festividades em honra a Nossa Senhora dos Navegantes.** 2017. Disponível em: <https://www.folhadobico.com.br/tocantinopolis-procissao-fluvial-e-missa-marcam-a-volta-das-festividades-em-honra-a-nossa-senhora-dos-navegantes/> Acesso em: 04 set 2022.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia:** realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

LEMOS, Carlos. **O que é patrimônio histórico.** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981.

LOPES, Rita de Cássia Domingues. **Identidade e territorialidade na Comunidade Remanescente de Quilombo Ilha de São Vicente na região do Bico do Papagaio-Tocantins.** 2019. 301f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia. UFPE, CFCH. Recife, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/34263>

MEDEIROS, E. Antunes; CORMINEIRO, Olívia M. M. **Barqueiros, Navegação e Cultura:** Narrativas e representações acerca da dominação e das resistências nas águas dos rios Araguaia e Tocantins entre os séculos XIX e XX. **História Revista**, 19 (3), 151-188, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento, pesquisa qualitativa em saúde.** 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

OLIVEIRA, Ney Alves de. **Navegando pelo Tocantins.** [s.l]: [s.e], 1995

PEREIRA, Clenan Renault de Melo. **De Boa Vista a Tocantinópolis.** Palmas - TO, 2012.

PEREIRA, Waldemar Gomes. **Meu Pé de Tarumã Florido:** um retrato de Porto Franco. Imperatriz: Editora Ética, 1997.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SANTOS, Antônio Miranda dos; BARBOSA, Joana Euda; SILVA, Luciano Pereira da. “Política de Preservação da Fundação Cultural do Tocantins”. In: **Vivências e Sentidos:** o patrimônio cultural do Tocantins. Goiânia: IPHAN/14ª Superintendência Regional, 2008, p. 69-89.

SARAIVA, Damarys Marques Ferraz. **Memória do Rio Itacaiúnas nas narrativas dos canoeiros (1980-2016).** 2018. 51f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Tocantins - UFT, Araguaína, 2018.

SILVA, Claiton Marcio da. ‘Em débito com o passado’: história, memória e experiência de ensino utilizando bens culturais. In: MILDNER, Saul E.S; OLIVEIRA, Josiane R. de (Orgs.) **Patrimônio Cultural:** experiências plurais. Santa Maria: Pallotti, 2008. p.135-160.

SOUSA, Angélica Silva; OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021.

SOUSA, Carlos Antônio de Oliveira. **Tocantinópolis 150 anos de urbanização.** Tocantinópolis 2008.

SOUSA, Rafaela Coutinho. **Barcos e Barqueiros:** Uma retrospectiva histórica e cultural dos

navegantes Tocantinopolinos. Relatório Final PIVIC/UFT. Tocantinópolis, 2021.

SOUZA, Wesley Domingos Francisco de; MATOS, Maria Aparecida de; SANTANA Sobrinho Orimar Souza et al. **Memória e Cultura: Trocas de Saberes e Fazeres dos Artesãos em Paranã-TO. Revista Nós. Cultura, Estética e Linguagens.** v.03 n.01, p.60-75, 2018.

VASCONCELOS, Cristina Silvana da Silva et al. O novo coronavírus e os impactos psicológicos da quarentena. **Revista Desafios.** v. 7. n. Supl. COVID-19, 2020.

VIEIRA, Bruna Maria Queiroz. **A catedral Nossa Senhora da Consolação de Tocantinópolis.** 2015. 67f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia). UFT, Tocantinópolis, 2015.